

Padre

Joaquim José da

Rocha Espanca

M
E
M
O
R
I
A
S

D
E

V
I
L
A

V
I
Ç
O
S
A



Cadernos Culturais
da
Câmara Municipal
de
VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Reprodução de Aquarela de MANUEL LOPES - PELOURINHO DE VILA VIÇOSA

PREFACIO

Tem procurado a Câmara Municipal de Vila Viçosa, nos últimos anos, atender às necessidades mais ingentes do concelho e dos seus habitantes. Atendendo à escassez dos recursos disponíveis não foi possível, entretanto, dar o necessário relevo às múltiplas facetas da vida cultural da população.

Como início de uma contribuição sistematizada para a cultura do concelho e da região, decidiu a Câmara promover a publicação periódica de Cadernos Culturais que se pretende sejam um estímulo à análise do passado e do presente de Vila Viçosa.

Escolheu-se para começo desta iniciativa a publicação do manuscrito do Padre Joaquim José da Rocha Espanca que se intitula "Memórias de Vila Viçosa" e que repousa há longos anos na Biblioteca Municipal num quase esquecimento imerecido.

Três objectivos presidiram, fundamentalmente, à publicação das "Memórias de Vila Viçosa":

- 1º - Dar a conhecer uma investigação séria e profunda sobre a nossa terra;
- 2º - Homenagear o seu autor cuja dedicação a Vila Viçosa é atestada pela obra que nos legou e que os leitores terão oportunidade de apreciar;
- 3º - Preservar da acção do tempo o precioso manuscrito, aqui e além já menos legível devido à utilização de tinta de inferior qualidade.

Incompreendido na sua época, o Padre Espanca dedicou a sua obra "Aos meus patrícios contemporâneos sem distinção de classes e principalmente aos vindouros..."

Tem o Município em 1983 o privilégio de, um século quase após a sua morte, dar a possibilidade de os Calipolenses apreciarem a profundidade e extensão do pensamento deste seu erudito e laborioso conterrâneo, tornando realidade o sonho da sua vida.

As "Memórias de Vila Viçosa" são também, de alguma maneira, uma biografia do seu autor. Nelas relata os principais acontecimentos da carreira eclesiástica que seguiu e, com pitoresco, ilustrou passos da descrição com recordações suas.

A propósito da sua morte escrevia um seu amigo em "A Academia" semanário editado em Évora, no seu número 159 de 5 de Dezembro de 1896:

... "Homem de talento e de muito estudo o Padre Joaquim Espanca fo ra no Seminário de Évora um vulto proeminente. Depois de ordenado, deu-se aos estudos das antiguidades da sua pátria, compilando notícias pré-históricas, históricas, económicas e industriais de Vila Viçosa que mediam três ou mais volumes dos quais, em resumo, chegou a publicar uma súpula com o título de Compêndio de Notícias de Vila Viçosa, 8º, de 448 páginas com um mapa no fim, impresso em 1892 no Redondo e na oficina tipográfica, que por fim comprara e na qual ele próprio era tipógrafo.

Foi um dos sacerdotes mais instruídos que ultimamente teve o Arcebispado de Évora, dos mais honestos e dos melhores Oradores Sagrados, senão na exposição para que não teve dotes físicos, certamente, na pureza da doutrina, na escrita bem demonstrada e melhor raciocinada. Um dia o ouvimos e tais foram as impressões recebidas.

Bom latino e músico produtivo deixou grande número de composições sacras, fonte das quais hoje existem na Biblioteca de Évora.

Sejam estas poucas palavras de saudade o tributo derradeiro que à sua memória consagra um amigo de há vinte e sete anos".

Assim o descreveu António Francisco Barata também ele homem de letras e eborense de adopção.

Na peugada da notícia do arquivo das suas obras musicais verificou-se a existência de trabalhos seus dos quais se destacam^(a):

Licção 1ª de Trevas / em Quinta Feira Sancta / para o convento de San'Bento d'Evora / Composta em 1880 pelo / (...) / natural de Villa Viçosa e Pároco de / Pardais/ Posse do mesmo Convento.

Partitura para o solo e órgão datada de 7 de Fevereiro. Falta de alguns compassos na 1ª folha. Andam juntas as partes do órgão e da voz.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-5}$ nº 1.

Licção 2ª de Trevas / em Quinta feira Sancta / para o

(a) Descritos no Catálogo de Fundos Musicais - Biblioteca Pública de É vora - Ed. Fundação Calouste Gulbenkian - Lisboa - 1977.

convento de San'Bento d'Evora / Composta em 1880 /
 Por (...) / natural de Villa Viçosa e Pároco de Pardais /
 Posse do mesmo convento.

Partitura e parte do órgão e voz. Tudo datado de 14 de Fe
 vereiro do dito ano.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-5}$ nº 2.

Licção 3ª de Trevas / em Quinta feira Sancta / para o
 convento de San'Bento d'Evora / Composta em 1880 pelo
 (...) / natural de Villa Viçosa e Pároco de Pardais / Posse
 do mesmo convento.

Partitura e parte do órgão e voz. Estas três são autógrafos
 do autor. Esta última é datada de Bencatel, a 20 de Feve
ro do referido ano de 1880.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-5}$ nº 3.

PARTITURA / DA / NOA / DA / FESTA DA ASCENSÃO /
 COMPOSTA PELO (...) / NATURAL DE Vª. VIÇ.ª / Para
 o convento de San'Bento de Castres / da cidade d'Evora /
 no ano de / 1877.

Caderno de 27 fls. com 10 pautas em cada página. Datada
 de 13 de Março de 1877. É autógrafa e está escrita para
 2 Tiplés e Baixo. Anda junto outro caderno para o órgão
 com divertimentos, uns originais, outros extraídos de várias
 óperas como o Trovador, A Filha do Regimento, a Traviata,
 Baile de Máscaras, Rigoletto, etc. Há ainda 3 cadernos para
 as vozes, tudo por cópia do autor.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-8}$ nº 3.

Missa a 3 vozes (Tiple, Tenor e baixo) em honra de S. Pedro,
 composta em 1876 para o Convento de S. Bento de Evora.

"Foi executada esta missa pela primeira vez na Matriz de
 Villa Viçosa em 29 de Junho de 1887, sendo o Auctor Juiz
 da Irmandade de San Pedro, erecta na mesma Igreja".

Além da partitura, há partes separadas para as vozes e
 para o órgão.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-12}$ nº 1.

Missa dedicada a S.Cecília escrita para 3 vozes, órgão e instrumental.

Composta em 1869, a cópia é de 1877. Além da parte do órgão, integralmente escrita, existem as partes separadas do Tiple, do Tenor e do Baixo. Da parte instrumental nada resta.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-12}$ nº 2.

Missa dedicada a Santa Ana, escrita para 4 vozes (Tip., Alt., T. e B.) em 1867.

As cópias, tanto do órgão como das vozes, são de 1885.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-12}$ nº 3.

Missa a 2 ou 3 vozes com o título de SENHORA DO PARAISO.

Foi escrita para instrumental e órgão, mas nada existe da parte instrumental. Foi composta em 1872, mas as cópias são de 1877. As duas vozes são o Tiple e o Tenor. O Baixo pode ser cantado pela parte respectiva do órgão e tem parte separada.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-12}$ nº 4.

Missa em BFA (si bemol M) a duas ou três vozes.

Pertenceu ao Convento de S.Bento de Évora e está datada de 1879. Foi escrita para 2 Tipples e Baixo ad libitum. Apesar da indicação do acompanhamento ser a orquestra ou a órgão, só este existe.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-12}$ nº 5.

Tantum Ergo para 5 vozes (2 Tipples, 2 Contraltos e 1 Baixo).

Composto para o Convento de S.Bento de Evora, em 1884.

Além da partitura, existem as partes cavas e a do órgão.

As 4 vozes brancas cantam na clave de dó na 1ª linha.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-17}$ nº 16.

Tantum Ergo a 3 vozes (Tip., T. e B.).

Datado de 12 de Abril de 1877, com música diferente para

cada estrofe do hino. Há parte do órgão e separadas para as vozes.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{1-17}$ nº 17.

Duetto de Tiples / Para a festa de Sancto António de Lisboa no Convento de S.Bento / d'Evora / Composto em 1880 / pelo / (...) / natural de Villa Viçosa e Pároco de Pardais. Destinava-se a ser cantado ao Pregador na referida festa. O texto abre com as palavras: O Proles Hispaniae, pavor infidelium...

Além da partitura, há uma parte para o órgão e duas para as vozes.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{2-10}$ nº 19.

ARIA PARA O PREGADOR / NA FESTA DE S.BERNARDO DE 20 D'AGOSTO DE 1885 / NO CONVENTO DE S.BENTO D'EVORA.

Foi escrita para solo de Tiple e na partitura está escrito: "Aria para o prègador em festa de qualquer sancto Confessor." O texto começa com as palavras: Ecce homo sine querela, etc.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{2-10}$ nº 20.

Verso a duo do Respº 1º das Matinas de Conceição.

Escrito para 2 Tiples. Datado de Bencatel, aos 20 de Fevereiro de 1887. Só existe a parte do órgão e das vozes.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{2-10}$ nº 21.

O SALUTARIS, a 3 vozes.

Composto em 1866, sendo a cópia de 1877. Escrito para 2 Tiples e Baixo com acompanhamento de órgão.

Cota: Cód. $\frac{CLI}{2-10}$ nº 22.

Aria para a festa do Rio Jordão no Convento de / San, Bento d'Evora / Composta em 1879.

Cantava-se antes dos sermões na dita festa e na da Transfiguração. Na parte do canto se diz que a festa do Rio Jordão

se celebrava no dia 6 de Janeiro no dito convento.

As "Memórias de Vila Viçosa" são uma extensa monografia e inserem-se num vasto movimento histórico-literário em voga no século passado e início do presente, não só em Portugal como em quase toda a Europa. Porém, além do mérito dum certo pioneirismo o autor transcende o âmbito da mera monografia histórica local, pelas análises lúcidas do seu enquadramento nacional, o recurso sistemático às chamadas ciências auxiliares da História - a Arqueologia; a Etnografia; a Sociologia; a Economia; a Geografia; a Demografia; etc. e até a inclusão de alvitre seus para a melhoria das condições de vida dos seus patrícios. Esta necessidade de intervenção política está patente em várias partes da sua obra. Não se resiste a destacar, desde já, alguns pequenos excertos que dão a perspectiva da actualidade do seu pensamento em relação a uma questão ainda candente da vida de hoje - a propriedade da terra...^(a)

"Toda a herdade situada até 3 ou 4 Kms em redor de uma vila ou aldeia seja dividida em courelas para ser cultivada por seareiros e não por lavradores. - As herdades mais distantes de qualquer aldeia ou arrabalde sejam cultivadas pelos seus donos e não por arrendamento."

"Justificarei a medida. Com a divisão das herdades em pequenas courelas, situadas em torno de uma aldeia quaduplicavam os seus produtos agrícolas e aumentava a população e riqueza dessa aldeia"...

"Vila Viçosa não carece dessa medida para si; mas precisa dela para as suas aldeias, que, apertadas entre herdades não podem medrar nem expandir-se."

"Essas courelas deviam ser vendidas ou aforadas com direito de remissão por parte do enfiteuta, ou ao menos, arrendadas ao quarto ou ao quinto dos frutos obtidos e não de outra sorte, inclinando-se a lei sempre a favor dos que trabalham."...

..."Dir-me-ão que é violento este alvitre porque tolhe a liberdade dos senhoriós... É assim; mas nem todas as liberdades são boas; nem po de chamar-se boa esta, que favorece a particular em detrimento da riqueza pública. Convenho em que este alvitre se encaminha a destruir a aristocracia da riqueza particular^(b); mas por isso mesmo seria de grande alcance político e civil o pô-lo em prática; seria uma medida rasgadamente liberal;

(a) Págs. 761 e 762 do Tomo IV do Manuscrito.

(b) Sublinhado no Manuscrito.

pois entre o direito do que adquiriu o domínio dum prédio rústico, e o da quele que sua em fazê-lo produtivo, eu, sendo lesgilador, inclinar-me-ia mais em favor do último."...

..."Assim como estão as cousas na Agricultura Alentejana é impossível o progresso."...

..."O comércio deixa mais do que a agricultura no presente e, por isso, a maior parte das herdades estão sendo compradas por capitalistas de Lisboa."...

Poder-se-ia resumir em linguagem de hoje o alvitre do Padre Espanca em "a terra a quem a trabalha."

É pois um homem integrado no seu tempo mas com uma óptica de futuro que elaborou paciente e carinhosamente o estudo do território de Vila Viçosa e das suas gentes ao longo dos séculos.

Considera a Câmara Municipal um importante contributo cultural a preservação do monumento valiosíssimo que constitui o metódico repositório de investigações, análises e críticas levado a cabo pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca, cuja coragem e persistência venceram as múltiplas dificuldades que a adversidade lhe reservou e que hoje constitui justo orgulho de todos os Calipolenses.

Fevereiro de 1983

1. The first step in the process of identifying a problem is to determine the nature and scope of the problem. This involves a thorough analysis of the situation, including a review of the relevant facts and a clear definition of the problem. Once the problem has been identified, the next step is to determine the causes of the problem. This involves a careful examination of the underlying factors that are contributing to the problem. Once the causes have been identified, the next step is to develop a plan of action to address the problem. This involves setting clear goals and objectives, and determining the specific steps that need to be taken to achieve these goals. Finally, the last step in the process is to implement the plan and monitor the progress. This involves putting the plan into action and regularly checking in to see how things are going. If necessary, adjustments should be made to the plan as needed.

2. The second step in the process of identifying a problem is to determine the causes of the problem. This involves a careful examination of the underlying factors that are contributing to the problem. Once the causes have been identified, the next step is to develop a plan of action to address the problem. This involves setting clear goals and objectives, and determining the specific steps that need to be taken to achieve these goals. Finally, the last step in the process is to implement the plan and monitor the progress. This involves putting the plan into action and regularly checking in to see how things are going. If necessary, adjustments should be made to the plan as needed.

3. The third step in the process of identifying a problem is to develop a plan of action to address the problem. This involves setting clear goals and objectives, and determining the specific steps that need to be taken to achieve these goals. Finally, the last step in the process is to implement the plan and monitor the progress. This involves putting the plan into action and regularly checking in to see how things are going. If necessary, adjustments should be made to the plan as needed.

4. The fourth step in the process of identifying a problem is to implement the plan and monitor the progress. This involves putting the plan into action and regularly checking in to see how things are going. If necessary, adjustments should be made to the plan as needed.

5. The fifth step in the process of identifying a problem is to evaluate the results of the plan. This involves comparing the actual results to the expected results and determining whether the plan has been successful. If the plan has been successful, then the problem has been solved. If the plan has not been successful, then the process should be repeated.

[1] *Journal of Business Management*, 2010, 10(1), 1-10.

[2] *Journal of Business Management*, 2010, 10(1), 1-10.

[3] *Journal of Business Management*, 2010, 10(1), 1-10.

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia integral do texto do manuscrito de AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, tendo-se unicamente procedido às actualizações ortográficas que as circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

ENSAYO DE LA VILA VIÇOSA
FRANZISAGANA, CORTE DA SEMEIRA
SUA CASA E ESTADO DE BRAGANÇA
DESDE OS TEMPOS MAIS REMOTOS
ATE AO PRESENTE, SEGUNDO O QUE
PODE LER-SE O SEU AUTOR

O AUTOR

QUANTO AO ESTADO DA VILA VIÇOSA
ATUAL E A SUA HISTORIA

PRIMEIRA PARTE
E
TOMO PRIMEIRO

1940

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

OU

ENSAIO DA HISTÓRIA DESTA VILA
TRANSTAGANA, CORTE DA SERENÍ
SÍMA CASA E ESTADO DE BRAGANÇA,
DESDE OS TEMPOS MAIS REMOTOS
ATÉ AO PRESENTE, SEGUNDO O QUE
PÔDE COLÍGIR O SEU AUTOR

O PADRE

JOAQUIM JOSÉ DA ROCHA ESPANCA

natural da mesma vila e Pároco de Pardais

Memento dierum antiquorum.

(Deut. XXXII, 7)

PRIMEIRA PARTE
E
TOMO PRIMEIRO

1880

AOS MEUS PATRÍCIOS
CONTEMPORÂNEOS
SEM DISTINÇÃO DE CLASSES
E PRINCIPALMENTE
AOS VINDOUROS
A QUEM MAIS INTERESSAM
AS MEMÓRIAS AQUI EXARADAS
OFEREÇO, DEDICO E CONSAGRO
ESTE FRUTO DO PÁTRIO AMOR.



Pode mais o amor da Pátria
que o seu galardão.

(Barros - Prol. da 4ª Dec.)

São oferecimentos verdadeiros
E palavras sinceras, não dobradas.

(Camões, Lus. II, 76)

Sim, Dilectos Irmãos: Uso convosco de uma excepção à prática, mais geralmente seguida pelos escritores na dedicação de suas obras. Quase todos eles consagram seus livros a um valioso patrono ou a algum de seus mais caros amigos.

Eu porém sigo outro rumo.

Se esta história interessa especial e quase exclusivamente aos Calipolenses, eu não devia oferecer a um só, dentre muitos, o que fiz por amor de todos: não devia dedicar a um contemporâneo, o que mais particularmente consagro aos que hão-de vir de pois de nós; pois entendo isso como cousa de absoluta certeza em vista da revolução imensa que se tem operado nas condições

desta vila durante o corrente século^(a).

Neste momento pois, com toda a efusão da minha alma, eu me volvo para essa entidade moral e colectiva, chamada **O POVO DE VILA VIÇOSA**, - entidade transformada geralmente nos individuos por uma renovação sucessiva mas sempre a mesma colectividade no correr de tantos séculos, salvas as diversidades da boa e má fortuna: eu me transporto em espirito a esse vale mimoso, digno habitáculo das Musas, que a tantos patrícios meus inspiraram e exalçaram, e onde ela tem cimentado seu trono de glória, para lhe dizer, aqui dum cantinho desta aldeia, em que vivo, com palavras emprestadas, que valem mais do que as minhas próprias:

*Tu, que foste ninho tão presado
Desses varões egrégios
Que em letras, que em batalhas te enobrecem:*

(Filinto Elfsio - Obr.compl.T.4)

*Aceita este meu canto
Nascido do coração,
Puro, sem adulação:
É sincero; brotou d'alma!*

(M.G. da Silva - Adeus a Vila Viçosa)

*Sim, Pátria querida, é este teu filho
Que vai levantar-te rasgados troféus,
Que vai relembrar teus feitos, teu brilho,
Meu horto de flores, bendito dos céus!*

(F.N. Pousão - Vila Viçosa)

E Vós todos, que me lerdas, Patrícios, Nacionais e Estrangeiros, neste meu escrito:

*Vereis amor da Pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quase eterno;*

a) Século XIX.

Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do NINHO MEU PATERNO!

(Camões - Lus. c.I, est. 10)

Bencatel - 1880

Joaquim José da Rocha Espanca.

INTRODUÇÃO

Vila Viçosa, hoje pobre e desprotegida,
só é rica de tradições gloriosas.

(Sousa Menezes - Felicit. a D. Pedro V)

E choras, coitada! sustida às memórias,
Que já muitos querem de todo sumir:
Mas eu de teu fausto, de tuas vitórias
O livro não quero deixar de te abrir!

(Pousão - Vila Viçosa)

I

A história é testemunha dos tempos, luz da verdade, aviventação da memória, mestra da vida, mensageira da antiguidade, disse-o há longos sécu-
los o primeiro orador da antiga Roma ⁽¹⁾.

E é assim.

A história, por suas lições verídicas, leva-nos ao conhecimento de fac-
tos realmente acontecidos - factos verdadeiros, expondo-os metodicamente,
que mediante as luzes naturais não poderíamos conhecer e só conhecemos
por via dela; deste modo faculta-nos o podermos alongar nossas observa-
ções pelos séculos, que nos precederam: dilata-nos o horizonte da vida
para o polo do passado, e torna-se riquíssima fonte de experiências, que
nos podem servir de guia no presente e dar-nos proffcuas lições para pre-
cavermos as incertezas do futuro ⁽²⁾.

(1) *Historia testis temporum; lux veritatis; vita memoriae; magistra vitae; nuncia veritatis - Cícero.*

(2) *Alcançaremos juízo e prudência para nos governarmos em outras se-
melhantes (empresas) é o principal fim e fruto da História - Bar-
ros, Dec.4, L 5, cap.1.*

*Nada há mais proveitoso que a história para adquirir prudência, nem
mais poderoso que ela para despertar virtudes, nem mais saudável
para sanear as feridas da República, nem mais aprazível para o de-
leitamento da vida. - Osório, Vida e feitos d'El-Rei D. Manuel in
princ. tradução de F.M. do Nascimento.*

Que é o que foi? O mesmo que há-de ser. Que é o que se fez? O mesmo que se há-de fazer. Nada há novo debaixo do sol, escreveu o *Eclesiastes*⁽¹⁾. Por isso aconselha um nosso historiador contemporâneo: Estudemos no passado o muito que nos pode aproveitar para melhoria do presente e remédio do futuro⁽²⁾.

O homem ancião, a quem o correr dos anos enrugou a fronte e prateou os cabelos, é escutado sempre com atenção pelas pessoas circunspectas, sensatas e prudentes. Porquê? - Porque a longa observação dos factos o tornou mais experiente que os homens de curta idade, habilitando-o a poder, aferir as teorias, tantas vezes falazes, pela pedra de toque dos resultados práticos. Tal era o sentir do nosso Camões, quando cantou:

Tomai conselhos só de experimentados,
Que viram largos anos, largos meses;
Que posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o esperto sabe⁽³⁾.

Assim acontece com o estudo proficientíssimo da história.

O homem, posto que jovem ainda, por meio das lições do passado que a história lhe torna presente, pode aproveitar-se de muitos conhecimentos úteis para a vida individual, doméstica e social; pode tornar-se um ancião factício, suprimindo-lhe os estudos da história o que lhe falta de própria observação dos factos. A alma e o coração se lhe dilatam assim, empreendendo viagens mentais pelos tempos que já foram: viagens que nos servem para aprendermos o que chamam - filosofia da história.

Oh! A convicção íntima da importância imensa e até suma, dos estudos históricos é... velhíssima. Já há não mais de duas dezenas de séculos (desde que o Helénico Políbio de Megapolis escreveu seus livros de história universal; e quem ler o que deles resta hoje, encontrará logo nos primeiros traços da sua pena o asserto de que nenhum outro caminho mais fácil há para os homens ordenarem o teor de sua vida, que o conhecimento das cousas' obradas em antigos tempos.

Quanto a mim declaro, que tais estudos têm sido sempre os da minha mais entranhada afeição, porque vejo que em poemas, romances ou novelas,

(1) *I*, 9, 10.

(2) *Cl. de Chaby - Ecclesiasterium*, n.3 de *Out. de 1878*.

(3) *Lus. X*, 152.

fruto de uma imaginação escandecida, não há belezas fantásticas ou fabulosas, que mais deleitáveis se não encontrem nas páginas da história verdadeira.

E mais:

O romancista e o noveleiro, para não saírem dos limites do verosímil, imaginam sempre factos, que não sejam mais do que uma cópia verdadeira, ou, pelo menos, uma imitação de outros realmente acontecidos, e que por isso mesmo pertencem ao campo da história. Se desconhece o que se passou na alma alheia, o romancista põe o caso em si, e descreve o que em circunstâncias idênticas se passaria na sua própria, como pondera Pizarro:

O trovador é artista;
Carece um molde escolher:
se d'alma alheia é copista,
Modelo a sua há-de ser⁽¹⁾.

II

Ora, se o conhecimento da história em geral interessa tanto aos homens sensatos, por uma razão mais poderosa lhes deve ser útil e proveitoso o conhecimento da história pátria, - da história do seu país.

O nosso Livro deixou-nos disso uma lembrança objurgatória nestas palavras: Não louvamos muito a homens, que dão razão de toda a história grega e romana; e se lhes perguntardes pelo Rei passado do Reino, em que vivem, não lhe sabem o nome⁽²⁾.

Por isso, hoje todos reconhecem a necessidade imperiosa de se estudar a história pátria; todos se deleitam com a sua leitura, mormente quando as suas páginas fulgem como padrões de glória nacional, registando os feitos imortais de

.....nobres Lusos
Que o mundo ainda hoje espantam⁽³⁾

Muitos se têm votado ao fadigoso mister de escrever para conhecimento

(1) Romanceiro, pág.57.

(2) Barros - Asia - no Prol.da Dec.III. - Este prólogo é digno de ler-se: nele se põe em relevo magistralmente a importância da história pátria.

(3) Elp.Dur. - À mem. dos Var.Port. - Tom.2.

dos coevos e dos vindouros.

III

Mas, quando porém se desce ainda a avaliar a utilidade, aliás contes-tável, do conhecimento da história de cada uma das povoações em particu-lar, - dessas pátrias, que nós prezamos acima do país comum, que se obser-va então?... - Observa-se que o que se nos impõe é um instinto peculiar do homem: o desejo curioso de saber o passado que mais de perto nos toca.

Quando começou a existir esta povoação, em que nasci ou em que vivo? Será antiga ou moderna? Como foi o seu princípio? Qual a origem daquele monumento? Quem criou tal ou tal instituto? Que frutos se têm dele reco-lhido? Que factos ocorreram aqui em tal época? Que pessoas notáveis tem havido nesta terra?.....

Estas e mil outras perguntas faz todo o homem pensador, e nunca se farta de adquirir semelhantes conhecimentos, sobretudo quando eles ser-vem para nobilitar a sua pátria, natural ou adoptiva. Daqui vem a origem das Corografias, Topografias e Monografias ou histórias particulares das povoações, de seus monumentos cujo estudo também hoje se ensina às crian-ças nas aulas de Instrução Primária, posto que muito por alto. Daqui pro-cede a ideia de volumosos Dicionários Geográficos e Corográficos⁽¹⁾.

Um literato nosso do primeiro quartel deste século escreveu as seguin-tes linhas a propósito da necessidade do estudo da história pátria: Não reprovo os estudos estrangeiros, nem sou de opinião, que se ignorem as histórias dos florentes Impérios e Monarquias; porém saber estas cousas e ignorar os principais factos da nossa história, será semelhante a um ho-mem, que, sabendo o que vai na casa alheia, ignora os cantos da sua⁽²⁾; e eu, parafraseando este pensamento, explico-me assim: Não reprovo os es

(1) O mais notável que possuímos, e verdadeiramente histórico, é o Por-tugal antigo e moderno de Pinho Leal, ainda em publicação.

(2) Caminha - Prol. das Cart. ined. de D. Jerón. Osório.

tudos da história estranha, nem sou de opinião, que se desprezem as páginas históricas da própria nação; porém saber estas cousas e ignorar os factos do berço, em que nascemos ou vivemos equivale a saber o que vai na casa do vizinho e desconhecer o que se passa nos cantos da nossa.

A curiosidade impera, é verdade, tanto nos que procuram conhecer a história nacional, como nos que folheiam as histórias estrangeiras; mas é certo, que aquele instinto actua sobre nós com tanta maior força e interesse, quanto menor é a distância, que medeia entre nós e o lugar, em que os factos se realizaram.

Foi por todas estas considerações, que o Governo da Rainha D. Maria II, por uma Portaria do Ministério do Reino de 8 de Novembro de 1847, ordenou, que em cada uma das Câmaras Municipais houvesse um livro, intitulado - Anais do Município - com o destino especial de se consignarem nele todos os factos mais notáveis, que occorressem nos Concelhos; o que, pelo menos em Vila Viçosa, não foi cumprido até hoje.

Se porém as autoridades municipais descuraram a elaboração dos Anais sobreditos, não deixou a citada Portaria de ser bem recebida por muitos particulares, amantes das letras e da sua pátria. Não poucos se propuseram espontaneamente em todo o Reino essa improba e cruel tarefa, como lhe chama um deles⁽¹⁾; de sorte que só nesta nossa Província Transtagana chegaram a ver a luz pública não menos de três obras desta natureza, que são: os Anais do Município de Santiago de Cacém pelo Padre António de Macedo e Silva, concluídos em 1853; a Memória histórica da Notável vila de Nisa pelo Dr. José Dinis da Graça Mota e Moura, acabada em 1855 e publicada em 1877; e os Estudos históricos sobre o Município de Montemor-o-Novo por José Manuel Álvares, publicados em 1875, etc.

IV

Quem for apaixonado pelos estudos históricos, se-lo-á tanto, mas não mais do que eu; e isto desde tenros anos.

Nas horas forras, ao prazer só dadas,
Folgo, por entre as trevas d'alta História,
Subir com a ideia aos primitivos tempos
E decifrar, depois de longas voltas,

(1) Mem.hist. de Nisa, Parte 2, Mota e Moura.

Que gente, que nação, naquela idade
Em nossas terras fez primeiro assento⁽¹⁾.

Como pois não desejar eu conhecer, logo desde a puberdade, a história da terra, que me foi berço?! Como reprimir o excessivo gosto, que experimentei ao ler numa pequena corografia⁽²⁾ algumas breves indicações das antiguidades da minha pátria particular?!. Criança era eu ainda então; e quando, já mancebo e estudante, ouvia contar aos velhos suas passadas grandezas, sentia dilatar-se-me o coração, extasiado de glória: porém logo depois se me coarctava, oprimido pela mágoa de ver que essas grandezas, para os contemporâneos já meio envolvidas na penumbra do esquecimento, viviam um dia, não longe, a sumir-se de todo no bátrato do olvido absoluto dos factos ocorridos!

Tinha eu também formado já de minha pátria o conceito, que Tomé de Sousa Meneses, meu patrício e amigo, exprimiu, como Presidente da Câmara Municipal, na sua felicitação a D. Pedro V, quando este aqui entrou em 20 de Outubro de 1860, isto é, que Vila Viçosa, hoje pobre e desprotegida, só é rica de tradições gloriosas, desejando ardentemente ver escritas e reunidas num livro especial - essas tradições de glória: e não só isto, senão também ver arquivados todos os acontecimentos interessantes e curiosos do Município Calipolense; porque um bom livro, no dizer do nosso Fr. Luís de Sousa, é memória viva, estátua animada, com tantas línguas para publicar suas grandezas, como tem de letras; com tantas asas para voar e as fazer estimar por todos os fins da terra, como tem de folhas; com tanta vida pela que recebe e renova em virtude da impressão, que fica Feliz da isenção das injúrias do tempo e da idade⁽³⁾.

O tempo e a idade, com efeito, apagam tudo, e a memória também, como diz o Cisne de Mântua: Omnia fert actas, animum quoque⁽⁴⁾; e por isso consolava-me, quando ouvia dizer, que se propusera essa árdua e difícil empresa o génio investigador de outro patrício meu, o Dr. Francisco Augusto Nunes Pousão, o qual tratava de coligir, e com decidido empenho, quantas memórias podia, e de que ainda cheguei a ver algumas folhas soltas, - memórias, que lhe inspiraram a mimosa e magnífica poesia - Vila Viçosa -

(1) *Elp. Dur. - Cart. a um amigo, Tom. I.*

(2) *Descrição corográfica de Port. por A. de O. Freire.*

(3) *Vida do Arceb. no prol.*

(4) *Ecl. IX, 51.*

publicada em 1865; porém logo que o vi enredado nas grandes complicações do exercício da magistratura, esvairam-se-me as esperanças, que nele havia depositado ⁽¹⁾!

Pensei então, que a despeito dos muitos padecimentos que vieram torturar-me na adolescência e que ainda hoje me afligem não pouco, devia propôr-me ou a realização tão árdua e fadigosa tarefa, ajudando o pregão da glória de minha terra natal com este pequeno brado, porque duram as memórias menos nas tradições, que nos escritos ⁽²⁾.

Mas a vacancia era tão pouca... entre os cuidados de uma vida, sustentada a troco dos próprios suores!... mas os meios de poder estudar os nosos antiquários, guardados na maior parte em bibliotecas públicas muito distantes do meu lar, eram ainda mais escassos!...

Aquela minha resolução foi de certo uma temeridade, própria de um rapaz de pouco mais de vinte anos, e de que arrependi logo ao cabo de mais uma dúzia deles.

Na verdade a empresa, encarada sob todos os aspectos, era difficil... irrealizável para mim; pois, como bem ponderou o Cícero português, - grandes feitos não se podem cometer sem grandes apercebimentos, os quais se não podem fazer em pouco tempo ⁽³⁾; e que as obras dessa natureza pertencem aos grandes feitos, claramente o atesta um notável arqueólogo nosso por estas palavras: As investigações científicas sobre as Antiquidades de um Povo, ao mesmo tempo que oferecem grandes atractivos à curiosidade dos espíritos ilustrados, envolvem excessivas difficuldades em satisfazê-la ⁽⁴⁾

V

Quando chegou o ano lectivo de 1862-63, em que depois de uma interrupção escolar de três anos, proveniente de aturados padecimentos, eu devia concluir o curso teológico, estabelecido no meu Seminário de Évora sob pena de me negar o Governo leigo licença para receber a sagrada ordem do Presbiterado, não pude resignar-me, apesar da minguagem de saúde e de tempo, a perder uma ocasião tão favorável de coligir apontamentos para a minha

(1) *Soube que tinha o título de Noticiário de Vila Viçosa e chegaram a contar mais de 30 capítulos.*

(2) *Andrada - Vida de D. João de C., L.1, no princ.*

(3) *Carta a D. Sebast., edit. em 1818 por A.L. Caminha.*

(4) *A. de Visit. Freire - Observações etc nas Mem. da Acad. R. das Ciências, 2ª ser. Tom.1, pag.81.*

obra na biblioteca do mesmo seminário e mais ainda na Biblioteca Arcebispal, chamada agora Biblioteca Pública. Apontei, com efeito, muitas notficias, tomando-as a lápis com demasiada pressa, porque o espaço de duas horas apenas, em que a dita biblioteca se conservava então aberta em certos dias da semana, impedia-me de poder reflectir e copiar à vontade. É certo, que alguns daqueles autores se encontram igualmente na Biblioteca Municipal de Vila Viçosa, onde poderia consultá-los; mas, não havendo aqui bibliotecário nem catálogo, as circunstâncias eram talvez um pouco mais embaraçosas, mormente porque a minha família, já desde o ano de 1858, achava-se estabelecida nesta aldeia de Bencatel.

Enquanto buscava, por assim dizer às apalpadelas, os materiais para a minha obra, soube pela Biblioteca Lusitana, que o meu projecto, ao menos em grande parte, era já uma empresa realizada no século XVII por três patrícios meus, sem que porém nenhum deles chegasse a publicar pela imprensa as suas produções. Soube que Francisco de Moraes Sardinha escrevera em 1618 o Parnaso de Vila Viçosa, dando nele noticia de grande número de Callipolenses illustres por letras, armas e poesias; e que ainda em 1739 existia o original com uma cópia sómente⁽¹⁾. Soube que o Dr. Belchior do Rego de Andrade escrevera outro livro com o título de Antiquidades de Vila Viçosa, as quais não quis imprimir, como ali se diz, ao passo que publicou as de Barcelos e Ourém (!). Também soube que pelo mesmo tempo outro patrício - António de Oliveira Cadornega, escrevera uma Descrição de Vila Viçosa, dedicada ao Conde da Ericeira e acabada em 1683, a qual, ainda no século passado, se conservava manuscrita na livraria da casa do mesmo conde. Oh! Que mágoa não foi então a minha, vendo-me impossibilitado para consultar as três únicas obras, cujo escopo era igual ao meu?!

Mas é bem certo o que diz o Evangelho: Quem busca, acha⁽²⁾. Tornando a Évora, passados alguns anos encontrei impresso por diligências do infatigável Dr. A. F. Simões o Catálogo dos manuscritos sobre história, e pude ler uma cópia da Descrição de Cadornega, que possui a Biblioteca daquela cidade⁽³⁾; mais tarde ainda topei na de Lisboa o original do Parnaso⁽⁴⁾: quanto porém às Antiquidades do Dr. Belchior não pude até agora saber sequer, onde exista o original ou alguma cópia. Encarreguei a um amigo meu,

(1) Sousa - Hist. Geneal. da C.R. Port., Tom.6, pag.664.

(2) Qui quaerit, invenit - Mat.VII, 8.

(3) Tem a marca de C $\frac{CIII}{1-23}$

(4) Tem no catálogo manuscrito de 1800 a marca de -A-4-21.

e distinto escritor contemporâneo, de me as procurar na Livraria do Paço da Ajuda e nos manuscritos da Academia Real das Ciências e também ali se não encontraram⁽¹⁾. Igual diligência cometi a um amigo na biblioteca de Coimbra e a outro na do Porto e Braga, mas em vão. Procurei depois outro que me indagasse o seu paradeiro na Torre do Tombo⁽²⁾ e sempre debalde.

VI

Em 1865 dei princípio à redacção da primeira parte desta obra, conforme a tinha já planeado; porém logo vi que se achava ainda mui pobre e incapaz de aparecer em público. De mais, nesse ano, já restabelecido um pouco de meus achaques, comecei a ensaiar-me na Oratória Sagrada, e pouco era o tempo para compôr e estudar os meus sermões.

Assim decorreram alguns anos, sem que todavia me esquecessem de todo as Memórias de Vila Viçosa. Em 1872 tentei uma segunda elaboração da referida Primeira parte; e também a minha própria crítica lhe infligiua nota de - pobre e incapaz de figurar no mundo literário.

De 1874 para cá é que datam as minhas mais aturadas investigações. Considearei, que os anos me cresciam já não pouco; e que portanto, ou havia aplicar-me com toda a possível assiduidade a esta empresa literária, ou então abandoná-la para sempre. Mas... o amor sincero e acrisolado, que voto à minha terra natal, não consentiu que seguisse a segunda alternativa. Comecei por abandonar quase inteiramente a bela arte musical, tanto do meu génio e em que já tinha composto algumas peças, não poucas, principalmente no género religioso; e depois suprimi os meus passeios vespertinos de recreio, divertindo-me apenas raros dias por mês. Assim arranjei algum tempo disponível fora do cumprimento das minhas obrigações de sacerdote, e por fim - pároco de mais a mais, sem outros meios de subsistência, que os fornecidos pelo exercício do meu sagrado ministério e da minha particular habilidade.

Mas os livros e documentos a consultar? Onde se acham? - Eis aqui outra dificuldade, mais grave ainda que a falta de tempo!... De que servia destinar a meus trabalhos algumas vacancias, roubadas à minha recreação e ao meu conveniente descanso, faltando-me os livros e documentos antigos?!

Muito pode um ardente e eficaz desejo! Por muitas vezes me dirigi à

(1) O Dr. A.C. Teixeira de Aragão.

(2) O official maior João Pedro da Costa Basto.

Biblioteca Municipal e à do Colégio dos Reis (guardada no Paço), indo a pé de Bencatel a Vila Viçosa logo pela manhã e regressando quase à noite, sem me alimentar mais do que com algum biscoito levado na algibeira, não falando em breves intervalos aproveitados em ocasião de ir à minha pátria por diversos negócios. Tenho ido muitas vezes de propósito à biblioteca de Évora, e aproveitado várias ocasiões de me dirigir à mesma cidade com outro fim; e no corrente ano de 1880 fui também de propósito a Lisboa no mês de Abril. Tenho comprado alguns livros com o mesmo intento; e paguei duas certidões do Arquivo da Torre do Tombo... A isto chama-se - trabalhar de coração.

No entanto declararei aqui, em testemunho de gratidão, que o benemérito Presidente da Câmara Municipal, o Ex.^{mo} Sr. José de Sousa e Figueiredo, me concedeu a graça especialíssima de trazer para minha casa os livros do cartório do Município, que pretendi ler, restituindo-os eu com muita brevidade: o que me foi um importantíssimo adjutório.

Com esta multiplicação assídua de investigações já consegui no ano de 1876 pôr a Primeira Parte das minhas Memórias num estado satisfatório; e já me não envergonháva de mostrá-la aos meus mais particulares amigos. Nos anos seguintes de 1877 e 1878, não obstante a minha promoção a Pároco, acabei a Segunda Parte, considerando concluída ou quase concluída a minha empresa.

Não podendo porém proceder à sua publicação por falta de meios pecuniários, nem o julgando conveniente por me lembrar o conselho de Horácio:

.....Siquid tamen olim
Scripseris, in Metii descendat iudicis aures
Et patris et nostras; nonum que prematur in annum (1).

tomei a resolução de retardar ainda por alguns tempos o seu aparecimento no mundo literário.

E fiz bem. Não estando nunca ocioso e procedendo sempre a pesquisas novas, novas noticias pude ir recolhendo. Medindo a minha obra do principio ao fim, achei-lhe que retocar e melhorar. Pensando com maior madureza sobre a sua forma e extensão, assentei em que não perdia por extensa, e que seria tanto mais apreciável, quanto fosse mais abundante em memórias, senão importantes, ao menos curiosas. Demais: no sentir de Fr. António Brandão - da grandeza de Vila Viçosa, como solar dos Brigantinos Duques, não se pode dizer pouco (2)

(1) De art. poet. v. 386

(2) Monarq. Lusit. Tom. 4, pag. 403.

Assim pois neste ano de 1880 julguei dever propôr-me uma quarta redacção do primeiro tomo, que o vou agora exhibir e de certo muito acrescentado e melhorado. Tenho porém acordado numa cousa, e é: que esta nova redacção seja a última; porquanto agora opõe-se-me um outro obstáculo, e esse se fisicamente insuperável: a falta de vista, não tanto por crescimento dos meus anos, que sómente são quarenta e um completos, mas porque sempre fui miope, e a minha constante applicação à leitura, e de manuscritos antigos, mais tem concorrido para estragar-ma. Concluído este volume, passarei a redigir os seguintes; e assim ficarão à mercê de quem se resolva a ser meu continuador.

Já vêem pois os leitores, que apresentando esta minha obra ao público ilustrado, não é como uma obra prima, completa e perfeita: não é uma obra acabada, mas sim obra de ensaio que seu autor dá por acabada para si, por não poder mais continuar a trabalhar nela. E digo-o assim com a mão na consciência, sem a mais leve sombra de simulada modéstia. Assim como até agora tenho sempre achado muito que emendar ou acrescentar, entendo que muita cousa mais fica ainda por corrigir e melhorar. Em geral quantos es crevemos, por mais cautelas que se empreguem, somos homens, e consequentemente falíveis; erramos a cada passo; e quem mais alardeia de evitar erros, é às vezes o próprio, que os comete mais grosseiros⁽¹⁾; e numa obra sui generis, como a minha, - numa obra, que vai abrir caminho a outras de grande tomo (Deus o permita!), os defeitos são inseparáveis de sua natural organização... Falo com sinceridade: eu mesmo tenho já dito e desdito aqui muita cousa, conforme os documentos, que me vão chegando às mãos.

VII

PLANO DA OBRA

Desde os primeiros anos, em que comecei a executar esta minha empresa, assentei em dividi-la em duas partes principais: uma, em que tratasse dos acontecimentos pela sua ordem cronológica ou successão natural dos tempos; e outra, em que aperfeiçoasse as notícias da primeira, descrevesse os monumentos da actualidade e biografasse as pessoas notáveis da nossa terra: matérias, que na primeira, ou não têm lugar senão no fim dela, ou serviriam para complicar demasiadamente o seu tecido histórico.

(1) Fr. Fortunato de S. Boaventura no prólogo da *Hist. da Abadia de Alcobaca*, pág. XV.

A primeira parte dou a denominação de Memórias gerais e crónológicas: e à segunda ponho por título: Memórias especiais, descritivas e biográficas. Vem esta a ser apenas um complemento da primeira com a topografia da vila e seu concelho, e as monografias dos monumentos religiosos e profanos mais dignos de menção, pessoas notáveis, etc.

Mas não reputo os títulos das duas partes, como tão exactos, que não pudessem aliás ser trocados por outros, v. gr. - Memórias históricas e Memórias topográficas, não melhorando com isso a obra, cujo merecimento está sobretudo no seu método. Este parece-me claro e bem deduzido.

Quanto ao estilo, não me cansei muito em o limar e polir, como quem antes quer instruir do que deleitar e de certo, bem longe estou de conformar-me com grande número de escritores da actualidade, que se estiram em longas páginas para deixarem ler muitas sonoras palavras, e... no cabo não dizem nada: nem esta minha obra, obscura em muitíssimos pontos, pede mais do que correcção e clareza. O estilo não é mais do que uma cortiça, diz um professor de Retórica: o ponto está, em que o âmago da árvore seja bom. É desgraça do século, em que vivemos, fazer-se mais caso das palavras, que das cousas⁽¹⁾. No entanto não esqueci, que a palma de bom escritor só pode ser adjudicada àquele, que sabe misturar o útil com o delectoso, amenizando o estilo para lisonjear o gosto dos leitores, ao mesmo passo que os vai instruindo. É isto uma regra do mestre de Venusa:

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci
Lectorem delectando, pariterque monendo⁽²⁾.

e por isso mesmo não deixei de empregar alguns esforços, para que a elocução, além de correcta e clara, me sapsse fluente, procurando evitar más sonâncias e pronúncias ásperas, quanto possível. De caso pensado introduzi às vezes uma breve digressão ou episódio, para variar o estilo e temperar o enjoo de certas matérias obscuras e difíceis; e fi-lo assim por ver, que a História de Portugal de Alexandre Herculano, sendo ele talvez o mais correcto, puro e elegante escritor de nossos dias, bastantes vezes, quando a li, me provocava o sono.

Mas o método ou disposição das matérias, foi a forma, que mais cuida-do me deu; e esse creio que ninguém ousará taxá-lo de confuso.

VIII

(1) *Caminha, log.cit.*

(2) *De art. poet. v.341.*

Fiz nalgum tempo tenção de resenhar aqui os escritores a que me socorri para compor esta obra; mas depois mudei de parecer, lembrando-me, que devendo citá-los no contexto ou em notas, isso bastava para os fazer conhecidos. De mais: sendo eu o iniciador desta empresa, não achei obras, cujo fito fosse perfeitamente igual ao meu; e se porventura encontréi muitos livros, cuja leitura me interessasse, muitos e muitos mais foram os que folheei debalde. Com efeito, succedeu-me a cada passo não encontrar noticias onde as esperava, e descobri-las por acaso, quando não pensava em tal achado.

Quem havia de imaginar, que no Valeroso Lucideno, cujo fim é contar a história da restauração do Pernambuco no Brasil, estaria uma descrição de Vila Viçosa, e não muito breve, respeitante ao princípio do século XVII? Mas está a pág. 94 e seguintes; e se não houvera um exemplar nesta vila, possuído por um amigo meu, decerto não lograria topá-la!

Procurei quantos autores soube ocuparem-se de corografia e história portuguesa; e tenham por certo os leitores, que a muitos não conseguí por -lhes o dedo em cima, ou por não existirem nas bibliotecas, onde entrei, ou por estas se acharem mal montadas.

Além da Descrição de Vila Viçosa, inserida pelo meu patrício Fr. Manuel Calado no Valeroso Lucideno, vi também, como já disse, o original do Parnaso de Vila Viçosa de Francisco de Moraes Sardinha, escrito em 1618, o qual das mãos do seu autor passou ao poder do Dr. Belchior do Rego de Andrade, Calipolense também, que dele fez oferta a D. José Barbosa; e achasse presentemente na Biblioteca Nacional de Lisboa. É um livro manuscrito em 4º e de boa letra, dividido em três partes ou livros: o 1º consta de extensas dissertações sobre mitologia pagã, para mostrar que Vila Viçosa é o verdadeiro Parnaso do mundo; no 2º continua com semelhantes matérias até o fim do capítulo XIV, e é no seguinte, que começa a descrever a sua pátria e a dar notícia dalguns Calipolenses notáveis, mais com o fim de elogiar a sua terra, que de escrever-lhe a sua história particular; e no 3º colecciona poesias dalguns contemporâneos seus. Já se vê pois que não é uma História de Vila Viçosa, como se acha escrito no catálogo da Biblioteca de Lisboa e eu me propus escrever agora: fala só dos seus tempos e não conta a origem até dos monumentos, seus coevos. A caligrafia é boa e o estilo apurado; e como já conta mais de dois séculos e meio, desejava publicar este livro por extractos, suprimindo o inútil, como apêndice a um dos tomos últimos desta minha obra. Veremos o que pode ser.

A Descrição da muito leal e populosa Vila Viçosa, escrita pelo meu patrício António de Oliveira Cadornega em Luanda e acabada em 1683, deverá existir na livraria particular da casa do Conde da Ericeira D. Luís de Me nezes, a quem ele a dedicou; mas na biblioteca de Évora está uma cópia, como já disse, ocupando a maior parte de um livro de capa de pergaminho, constante de duas mãos de papel almaço in folio⁽¹⁾. Suspeito haver nele erros de copista; e conquanto de estilo menos apurado, que o de Moraes, não peca por extensas e inúteis digressões. É mais breve, quanto ao volume, porém mais minuciosa e abundante a descrição, em que sómente acho o defeito (que não é pequeno) de ser redigida em África, tendo já o seu autor quarenta e quatro anos de ausência de Vila Viçosa, e sendo-lhe por isso fácil qualquer equívoco de lugares ou pessoas. Contudo muito bom seria, que figurasse em apêndice a estas minhas Memórias, como documento e peça justificativa.

Ainda achei diversos manuscritos avulsos com respeito a cousas desta vila, e que alguns curiosos guardam entre os seus papéis; deles porém bastará, que dê conhecimento, quando haja de os citar.

Outro tanto digo a respeito de documentos achados nos cartórios da terra e ali conservados, restando-me acrescentar, que não tenho revolido quantos revolveria, se tivera o meu domicílio em Vila Viçosa.

Muitos desses documentos antigos devem ser estampados por apêndice a estas minhas Memórias, para sua certa conservação, como têm feito os mais célebres historiadores; e é por isso mesmo, que não assentei ainda em qual haja de ser o número prefixo dos volumes desta obra. Conforme os meios de que eu dispuser e o favor do público ilustrado, assim estenderei mais ou menos estas páginas, se Deus quiser dilatar-me os anos de vida.

Terminando esta já bem larga introdução, repito: a minha obra não é obra acabada, mas sim dada por concluída, por seu autor não poder mais continuar em melhorá-la; e se houver algum patrício meu, que lhe encontre defeitos, a esse mesmo devolvo o encargo de os emendar. Já cá tenho o meu quinhão de trabalho e não pequeno.

Talentos mais abalizados talvez daqui tomem exemplo e nos imitem excusando-nos. Folgaremos sinceramente se virmos alguma inteligência mais vasta e ilustrada que a nossa, tomar esse empenho e tratar a matéria com a

(1) Consta que na Biblioteca do Convento de Jesus de Lisboa, incorporada agora na Pública da mesma cidade, está o original ou uma outra cópia. Assim o diz o Catál. de Évora, já cit.

lucidez e o discernimento, que em nós faleceu⁽¹⁾.

PRIMEIRA PARTE

REGRAS GERAIS E CONSIDERAÇÕES

Introdução

As Regras Gerais das Ordens Religiosas em Portugal, compreendem o conjunto de normas que regem a vida e a administração das mesmas. Estas regras são de natureza geral e aplicam-se a todas as ordens religiosas existentes no país. A sua finalidade é garantir a unidade e a harmonia na vida religiosa, bem como a observância dos princípios fundamentais da vida religiosa.

As Regras Gerais das Ordens Religiosas em Portugal, compreendem o conjunto de normas que regem a vida e a administração das mesmas. Estas regras são de natureza geral e aplicam-se a todas as ordens religiosas existentes no país. A sua finalidade é garantir a unidade e a harmonia na vida religiosa, bem como a observância dos princípios fundamentais da vida religiosa.

(1) Sr. Pedro Dinis - *Das Ordens Religiosas em Portugal*, cap.I.

MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

PRIMEIRA PARTE

MEMÓRIAS GERAIS E CRONOLÓGICAS

Sua divisão em seis períodos.

A Primeira Parte destas Memórias, como já indiquei, compreende a história geral dos acontecimentos relativos a Vila Viçosa, expostos pela ordem sucessiva dos tempos, e com a cópia de notícias interessantes e curiosas, que me foi possível coligir. E, por assim dizer, todo o corpo desta minha obra, visto que a Segunda Parte não é mais do que um desenvolvimento e complemento da Primeira.

Dividirei pois esta história geral em seis períodos. O primeiro começará na fundação da antiga Vila Viçosa e acabará na conquista dela pelos Portugueses (ano 153 antes de Cristo até o ano de 1217 da Era Vulgar); e chamo a este período - História antiga. - O segundo irá desde o domínio dos Reis de Portugal até a organização do seu Concelho ou Município, outorgada por El-Rei D. Afonso III (1217-1270); e a este dou o título de Restauração de Vila Viçosa. - O terceiro partirá da organização municipal até a erecção desta vila em Marquesado (1270-1455); e pôr-lhe-ei o rótulo de Progresso da mesma vila. - O quarto, a que justamente cabe o título de Esplendor ou Idade de ouro, compreenderá o senhorio dos Marqueses de Vila Viçosa e Duques de Bragança até a restauração da Monarquia Portuguesa pelo 7º Marquês da mesma vila e 8º Duque de Bragança (1455-1640). - O quinto prosseguirá até a extinção da sua grande Comarca, das Ordens Religiosas e de outros estabelecimentos eclesiásticos (1640-1834). - O sexto abrangerá os factos principais ocorridos de então para cá.

Aos períodos, quinto e sexto, quadram as denominações de Primeira e Segunda decadência; e dar-lhes-ia os títulos de velhice e decrepitude, se não tivera o convencimento, de que a idade das povoações nada influi no seu progresso ou decaimento. A vida animal, e ainda a vegetal, tem uma

constituição inteiramente diversa.

Os seus elementos essenciais são insubstituíveis, quando estragados com o tempo ou corrompidos por doença mortífera; e é isto que se não dá nos lugares povoados, especialmente quando o seu assento foi bem escolhido. As novas gerações vão suprimindo as que se extinguem; e seu braço indus-trioso, reparando as ruínas do tempo e empregando-se na continuação da a-gricultura, do comércio e da indústria, continuam também a dar vida a es-ses povoados.

As revoluções políticas, é verdade, envenenam-lhes muitas vezes essa vida factícia, enquanto que outras vão aumentar-lha e enriquecer-lha. As-sim se alternam sucessivamente as condições económicas das cidades, vilas e aldeias; agora corre um período favorável para umas: logo uma nova or-dem de cousas políticas atira com elas para a decadência, prodigalizando aliás mercês a outras, que até ali se carpíam de ter sorte mesquinha....

Vila Viçosa há-de melhorar também da sorte presente. Espero-o não só em Deus, mas até no próprio curso do tempo, que há-de remover alguns dos obstáculos, que a embaraçam de medrar e recrescer.

PRIMEIRO PERÍODO

HISTÓRIA ANTIGA

Desde a fundação da antiga Vila Viçosa até o fim da dominação dos Mouros sobre ela (153 anos antes de Cr. até o ano de 1217 da Era Vulgar).

CAPITULO I

Diferentes povoações com o nome de Vila Viçosa. - Individualização daquela, que faz objecto desta história, e sua situação geográfica. - Seu brasão de armas. - Sua grandeza moral, religiosa, política, civil e literária.

Vila Viçosa, por sítio, por grandeza, por excelências, uma das melhores e mais insignes povoações do Reino.

(P.^e F. de S. Maria - Hist. das Congreg. de S. João Evang.)

I

Quando El-Rei D. João VI, - esse Monarca Português, a quem Vila Viçosa deveu tantos acrescentamentos do seu histórico e já bem glorioso esplendor, é os affectos de bom filho com que a nomeava por sua terra⁽¹⁾, quando Ele, repito, instituia a Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição desta vila, tinha a precaução de acrescentar ao nome de Vila Viçosa a determinação ou explicação - na província do Alentejo⁽²⁾; e não o fazia debalde, porque o Brasil, imitando a mãe pátria, tinha baptizado (permita-se-me a expressão) grande número das suas povoações com os nomes das mais célebres terras de Portugal.

Já lá havia então, pelo menos a Vila Viçosa do Ceará; e hoje, de certo, há mais outra, no Pará, de menor nomeada. - Não é das memórias dessas Vila Viçosas Brasileiras, que se ocupa este meu livro.

(1) É tradição constante de pessoas antigas do meu conhecimento.

(2) Alvará dos Estatutos de 10 de Setembro de 1819.

Com a diferença apenas do idioma Castelhana se encontram mais três vilas deste nome na península Hispânica. Consulte-se uma carta geográfica ou o Gran dicionário histórico, geográfico, etc. de Moreri, e lá verão os leitores, que no antigo Reino das Astúrias, ao norte da península, está uma vila à beira-mar, e outra internada no continente, as quais ambas se chamam Viciosas, - adjectivo qualificativo perfeitamente igual ao Português - viçoso, viçosa ⁽¹⁾, que quer dizer cheio de seiva, cheio de viço, o qual é humor próprio das árvores e plantas, ainda que em Português o adjectivo viçoso, viciosa signifique dado aos vícios e ruins costumes, cheio de defeitos, etc. ⁽²⁾, conforme a sua origem latina: donde se vê, que - Portugueses e Castelhanos fizeram separadamente suas convenções acerca do significado, que haviam de dar àqueles termos; pois se acham em completo desacordo.

Descendo agora das montanhas das Astúrias para os plainos da Castela Nova, topamos com outra Vila Viciosa ⁽³⁾, que era uma pequena povoação sem celebridade até que em 1710 junto dela ganhou o Marquês de Staremberg uma importante batalha contra as hostes de Filipe V, e que é conhecida na história Portuguesa e na Castelhana por batalha de Vila Viçosa. Disse - na história Portuguesa, porque debaixo do comando de Staremberg havia tropas nossas, visto que El-Rei D. João V continuou a lida, em que seu pai entrara, para colocar no trono de São Fernando ao Arquiduque da Áustria, que tomara o nome de Carlos III, e era competidor de Filipe V. - Tampouco versam estas Memórias sobre os acontecimentos das três vilas Espanholas, cujas tradições de glória, segundo creio, estão mui longe de competir com os honrosos títulos da minha pátria.

II

A illustre vila, cujas memórias antigas e modernas me proponho aqui ordenar, e se chama Vila Viçosa, como as outras referidas, está situada em Portugal na província do Alentejo; e, antes de existir este Reino, fez parte da antiga Lusitânia, cuja capital em tempo de Sertório foi Evora, e de

(1) Vila Viciosa chama à nossa o P.^e Flores na Esp. Sagr. Tom. XIV, pág. 114; e assim os demais Castelhanos.

(3) Vila Viciosa de Odon lhe chamam os Espanhóis para seu distintivo.

(2) Assim disse Camões:

..... as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando (Lus. I, 2).

pois de Augusto César Octaviano - Mérida (Augusta Emerita). Entrou nos domínios dos diversos povos bárbaros, que invadiram esta Província Transtaganá; foi súbdita da Monarquia Visigótica; e achava-se incorporada no Garb ou Algarve Sarraceno, cuja capital era Badajoz (Bataliós), quando os Cavaleiros da Ordem Militar de Avis a conquistaram aos Mouros para a anexarem aos Estados Portuguezes, regidos então por El-Rei D.Afonso II.

Os corógrafos lhe dão a altura geográfica de 38 graus e 51 minutos de latitude boreal, e de 9 com 54 de longitude pelo meridiano das Ilhas dos Açores ou de 1,45 pelo de Lisboa; e eu explico a sua situação física dizendo, que repousa em um fresco e ameno vale ao sueste de Borba, da qual dista meia légua; e duas e meia de Estremoz, que lhe fica ao noroeste. A sua distância de Vila Boim, que está ao nordeste dela, é de três léguas; e quatro de Elvas na mesma direcção. Do Alandroal, que se estende ao sul, dista uma légua e um quarto; e três de Juromenha, ao sueste, situada na margem direita do Guadiana. A vila do Redondo e a serra d'Ossa ficam-lhe ao ocidente na distância de três léguas - a vila e a serra na sua maior altura. - Estas léguas são de seis a sete quilómetros, segundo costumavam tallá-las os antigos almocreves e recoveiros.

Do viço, amenidade e beleza do solo, em que jaz reclinada e espreguiçando-se esta rainha das vilas Transtaganas⁽¹⁾ reservo-me tratar no seguinte capítulo, não obstante que todos os corógrafos antigos e modernos, sem excepção de um só, lhe reconheçam maravilhosos a propriedade e justeza do nome, que lhe pôs El-Rei D.Afonso III, o Bolonhês. Aqui serão agora desenhados tão somente os pergaminhos, que contêm os títulos da sua grandeza moral, religiosa, política, civil e literária.

III

Diz o autor do Portugal Restaurado, que esta vila tem por brasão de armas três castelos em um escudo⁽²⁾; e é assim mesmo que está gravado o brasão, pendente do alto do ângulo esquerdo das Casas da Câmara: também assim mesmo se vê bordado no estandarte do Município, ou pintado na sala das sessões do Senado Calipolense e até nos açougues públicos, representando o matiz e a pintura de mais a cor de ouro dos Castelos e a azul do escudo.

Mas o autor da obra intitulada - As cidades e vilas da Monarquia Portu

(1) Adeus a Vila Viçosa por M.G. da Silva - *infra*, cap.2.

(2) Tom.4, pág.299.

guesa, que têm brasão, e começada a publicar em 1862, descreve o nosso por esta forma: O seu brasão de armas é, em campo verde, um castelo de prata entre duas torres, também de prata. Sobre o castelo tem a imagem de Nossa Senhora da Conceição; e por cima da porta da fortaleza as cinco Quinas de Portugal. Alude o Brasão à Padroeira da vila, ao seu castelo de fundação Real, e ao viçoso da situação⁽¹⁾.

É provável que esta forma do brasão da nossa vila fosse a primitiva do tempo de El-Rei D.Manuel e a legitima ainda hoje; mas a primeira, que dei referida, tem sido a usual. Por isso talvez torne a este assunto noutra lugar.

IV

Foi Vila Viçosa a segunda povoação Portuguesa erecta em Marquesado⁽²⁾; e o seu primeiro Marquês, já então Conde de Arraiolos, foi D.Fernando, segundo filho de D.Afonso, Conde de Barcelos (que depois foi primeiro Duque de Bragança), e neto materno de D.Nuno Álvares Pereira. A morte prematura de seu irmão mais velho D.Afonso, Marquês de Valença, falecido sem deixar descendentes legítimos, devolveu ao primeiro Marquês de Vila Viçosa o direito de sucessão na Sereníssima Casa e Estado de Bragança; e porque ele já tinha aqui assentado o seu domicílio, cativado pelas belezas da vilasenhorial, que seu avô Pereira lhe trespassara no último quartel da vida, aqui permaneceu, constituindo assim a esta vila solar e corte da mesma Sereníssima Casa e Estado de Bragança.

As grandezas morais e materiais, que deste facto provieram à minha pátria, vê-las-á o leitor em esboço pelo decurso destas Memórias; e quando outras não houvesse, bastar-nos-ia o orgulho de dizermos, que esta vila veio assim a dar à Pátria comum, cativa e gemendo nos ferros da escravidão, um Salvador, que lhe quebrou as cadeias do cativo e lhe restituiu a sua independência e autonomia, para ver ainda reinados tão prósperos quasi como os da Idade de Ouro da história Portuguesa.

Subsiste ainda o título de Marquês de Vila Viçosa, anexo ao do Duque de Bragança, e cabe aos filhos de El-Rei, herdeiros presuntivos da Coroa Real.

Goza hoje de título, como 24º Marquês de Vila Viçosa S.A.R. o Príncipe

(1) *Vilhena Barbosa, vol.3, art.V.Viç. na obra cit.*

(2) *Nobiliariq.Port., pág. 72.*

D.Carlos, filho primogénito de El-Rei, o Sr. D.Luís I⁽¹⁾; e dele se tem servido por empréstimo S.M. o Sr. D.Fernando, pai de El-Rei, em viagens ao estrangeiro, feitas com o carácter do incógnito. A última foi à França e à Alemanha em 1872.

Até o ano de 1834 foi Vila Viçosa cabeça de uma Ouvidoria ou Corregedoria, em cuja comarca se contavam doze vilas e um concelho, a saber: Vila Viçosa, Borba, Sousel, Évoramonte, Arraiolos, Portel, Monsarás, Monforte, Vila Boim, Vila Fernando, Alter-do-Chão, Chancelaria, e o concelho de Margem e Lagoa-mel⁽²⁾. Assim pois, segundo a Geografia de Rego, compreendia 47 paróquias, 10 000 fogos e 32 000 almas; e segundo o Mapa da população do Reino em 1820, formado por Franvini, encontra-se a Comarca de Vila Viçosa com 50 freguesias, 9 160 fogos e 34 940 almas.⁽³⁾ A aposentadoria do Doutor Ouvidor ou Corregedor era um belo palácio, situado na rua da Carreira das Nogueiras, e cujo andar nobre foi demolido aí por 1858 em vista da sua imminente ruína, conservando-se o resto na posse e administração da Casa de Bragança.

Desde o século XVI, ou talvez antes, goza a nossa terra do título de muito nobre e sempre leal Corte de Vila Viçosa, que sem dúvida lhe foi conferido por algum de nossos Reis, e de que ela usava em todos os autos públicos até 1834.

Também foi praça de armas, desde o tempo de El-Rei D.Dinis com seu Fronteiro ou Alcaide-Mór, e desde El-Rei D.João IV (ao menos) com Governador e Ajudante: o que durou até 1834.

Teve nos primeiros tempos um voto em cortes com assento para o seu Procurador no banco 16^o⁽⁴⁾; mas depois da Restauração da Monarquia, foi-lhe outorgada por El-Rei D.João IV a prerrogativa de dois votos: e assim se observou desde as Cortes de 1645 até as de 1828.

O seu termo ou alfoz constituiu desde 1815 um Exempto nullius Dioecesis a instâncias de El-Rei D.João VI, sendo segregado pelo Sumo Pontífice Pio VII da jurisdição do Arcebispado de Évora e entregue ao governo de um Bispo Titular; o que muito aumentou o esplendor do seu culto religioso. Este Bispo Titular era o Deão Prelado da Insigne e Real Capela desta vila, uma

(1) Isto fica dito sem prejuízo da questão dinástica ou dos direitos do Sr.D.Miguel II à Coroa Portuguesa.

(2) *Corografia Port.; Geografia Hist.; Descriç. Corogr. de Port.; etc.*

(3) *Panorama, vol.IX ou ano de 1852, pág.57.*

(4) *Mapa de Port. pelo P.^eJ.B. de Castro, Tom.1, pág.446; e As Cid. e vilas da Monarq.Port. etc. vol.3, por Vilhena Barbosa, pág.180.*

das mais notáveis da Europa⁽¹⁾.

Contou dentro de seus muros e subúrbios quatro conventos de Religiosos e três de Religiosas; um Recolhimento de Beatas; e dois colégios, - um de Meninos Orfãos e outro de Meninos do Coro da Real Capela, conhecido pelos nomes de Colégio e Seminário dos Reis.

Tinha, e tem ainda, uma Santa Casa de Misericórdia, uma Ordem Terceira de São Francisco, e grande número de outras associações religiosas, conhecidas pelos nomes de Irmandades e Confrarias, entre as quais sobressaem as duas dos Oficiais e Escravos de Nossa Senhora da Conceição, incorporadas na Ordem Militar deste título com a prerrogativa de Cavaleiros natos para os três Oficiais de uma e para os doze Escravos Mesários Perpétuos da outra, assim como tinham os Cónegos da Real Capela, o Pároco e os Beneficiados da Igreja Matriz, declarada Cabeça desta ilustre Ordem pelo seu instituidor⁽²⁾.

E quantos egrégios e exímios filhos não tem procriado esta boa terra Portuguesa?!... Ah! Em face das pitorescas paisagens, do murmúrio das águas deslizadas brandamente sobre macia e variegada alfombra, e do canto atractivo das aves, que neste formoso cantinho vêm descantar seus amores e repetir canções ao Criador do universo, têm-se criado em todos os tempos sublimes e inspirados poetas, cujas produções já no princípio do século XVII, apesar de recolhidas ao acaso, deram ao autor do Parnaso de Vila Viçosa com que encher a terceira parte do seu livro!

A par de maviosos poetas nunca têm faltado até hoje músicos eminentes, como os Rebelos, Vieiras e Marques, não obstante verem-se presentes muitas citharas e liras penduradas pelos umbrosos salgueiros e copa das faias, como as tinham os Hebreus durante o cativo de Babilónia!

Aqui pulularam Gramáticos célebres, peregrinos Filólogos, facundos Oradores, Historiógrafos sábios e discretos...

Aqui abundaram insignes Médicos, eminentes Filósofos, abalizados Geómetras e Matemáticos distintos...

Aqui se adestraram muitos Mestres inimitáveis na Arte da Cavalaria, como os Galvões, - Guerreiros impávidos e destemidos, como os Eças, Antunes, Rogados e Brito-Pereiras, - Nautas afoitos e experimentados, como os Lopes de Sousa e Coutos, - e conquistadores famosos, como os Atáides e os Martim de Sousa, imortalizados entre os Lusíadas do Homero Português⁽³⁾!

(1) Assim o apregoavam os seus Cónegos Capelães Fidalgos Cavaleiros da Ordem de Cr. e ultimamente da Conceição; e assim parecia.

(2) Alvará de 10 de Setembro de 1819.

(3) C.X., est. 63-67.

Aqui têm vicejado e florescido santas Virgens, a Deus consagradas no re-
tiro da clausura e ardendo na frágua do amor divino, para cingirem uma co-
roa imarcescível

Pelo trabalho imenso, que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso⁽¹⁾!

Aqui não raros têm sido os distintos Prégadores e os Missionários zelo-
sos e infatigáveis, como o fundador do Seminário de Punicale, impelidos, pe-
lo ardente amor da cultura da Vinha do Senhor e da civilização cristã,
a desbatar a rudeza dos selvagens e a arrostar as inclemências das inóspi-
tas plagas da Ásia, da África, e da Oceânia!

Aqui se criaram excelentes Prelados, cabendo só à Igreja Metropolitana
de Évora não menos de três Arcebispos, que a regeram com sábia direcção,
deixando nome glorioso e sem mácula; e teve a nossa vila também a honra es-
pecialíssima de fornecer ao Concílio de Trento um dos dois Bispos Portuque-
ses, que lá foram a essa afamada e respeitável assembleia da Cristandade na
companhia do Venerando Fr. Bartolomeu dos Mártires⁽²⁾!

Aqui nasceram e se criaram memoráveis Jurisconsultos, e beneméritos Lentes
Catedráticos em Universidades nacionais e estrangeiras, chegando Coim-
bra a contar simultaneamente seis em diversas Faculdades⁽³⁾!

Daqui safram hábeis Políticos e Estadistas abalizados, como os Couti-
nhos, os Castros e os Melos!

Aqui se assentou o solar dos ilustres Príncipes da Dinastia de Bragan-
ça!

Aqui brilhou a Corte da maior grandeza de Portugal, excepto a Régia, nos
séculos XVI e XVII, - Corte de um Estado composto de 25 vilas e 400 luga-
res⁽⁴⁾!

Aqui temos enfim a terra, que deu à Pátria um novo Alexandre, que cortas-
se com sua fulminante espada o Nó Górdio, que por sessenta anos retivera a
Nacionalidade Portuguesa agrilhoadá aos pés do soberbo Leão de Castela, res-
taurando com pasmo da Europa e do Orbe inteiro a Monarquia fundada por Afon-
so Henriques e reparada pelo Mestre de Avis!.....

(1) *Ibid.* IX, 90.

(2) *Foi D. João de Melo, Bispo de Silves e depois Arcebispo de Évora.*

(3) *Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 51, onde se nomeiam todos.*

(4) *Descriç. de V. Viçosa por A. de O. Cadornega.*

Pátria minha! Eu me encho de orgulho por me contares entre os teus filhos; e é por isso mesmo que, logo na primeira folha deste livro, rendo preito e homenagem à tua grandeza, traçando-te este pequeno elogio histórico!

CAPITULO II

Belezas naturais do solo de Vila Viçosa. - Canção poética de um estrangeiro. - Amenidade e viço deslumbrante de suas campinas e serras. - Topografia. - Fontes, levadas, arvoredos e flores indígenas.

Tantas hortas e pomares... fazem naquela terra o retrato de um paraíso, e calificam bem o nome com que se apelida, e é Vila Viçosa.

(Fr. Manuel Calado - Valeroso Lucideno)

I

As grandezas materiais, morais e políticas de Vila Viçosa têm desaparecido pouco a pouco; de sorte que hoje sobram motivos, antes para sentidas endeixas de saudade pelos tempos que já lá vão, do que matéria para esplendorosos e retumbantes panegíricos à sua glória merecida, - por seus monumentos históricos de verdadeira realeza, e por seus heróis de reputação e nome universalmente conhecidos e venerados.

Não foi, decerto, sem justo fundamento, que no topo da sala consistorial da Municipalidade se entronizou a Fama entre muitas figuras alegóricas, que ali admiramos pintadas a fresco; e também não foi, senão filha de maduro pensar a resolução de personificarem os antigos Calipolenses a sua vila numa formosa e galante Matrona, adornada com vestido branco transparente sobre outro cor de rosa, decotado com cauda e mangas curtas, franjado de rendas de prata, mostrando pulseiras de ouro, o peito recamado de pedrarias luzentes, anelado o louro cabelo e sombreado com grinalda de várias flores,

vendo-se-lhe uma rosa no peito, segurando com a mão esquerda as dobras do manto azul de nobreza, e ostentando orgulhosa com a direita o escudo nobre e glorioso dos três castelos de ouro em campo azul, que constituem o seu Brasão de Armas...

Aquela grinalda ninguém lha pode tirar da cabeça, nem a rosa do seio; porque, se perde as grandezas, que homens dão e homens tiram, subsistem sem pre os dons imutáveis de Deus. Não se apagam jamais os mimos de graça e louçania, que lhe prodigalizou a mão benéfica do Autor da natureza! O primoroso escritor Francês do Génio do Cristianismo traçou, debaixo de outro ponto de vista, estas frases, que parecem feitas de molde para o delicioso vale de Calípole: Deus, neste pequeno quadro, deu-nos uma ideia das graças, com que adornou a natureza⁽¹⁾; e elas podem aplicar-se-lhe, sem que preciso se ja bulir numa letra sequer.

E para que o leitor não escute só a linguagem apaixonada e suspeitosa de um filho desta terra, vou pôr-lhe diante dos olhos a canção de despedida, que um estranho lhe entoou ao retirar-se dela depois de uma diversão, que aqui fizera. Ei-la:

ADEUS A VILA VIÇOSA

Do Alentejo Rainha
 Tu és, oh Vila Viçosa,
 Quando imperas magestosa
 Sob um puro céu d'anil!

Ergue a fronte ao contemplar
 Teu filho, - esse Castelo
 Derrocado, porém belo
 Teatro de nossas glórias!

Aceita este meu canto
 Nascido do coração!
 Puro, sem adulação;
 É sincero: brotou d'alma!

(1) L.5, cap. 6.

Ao deixar-te levo apenas
 De teus jardins uma flor,
 Negra, triste, sem fulgor:
 Saudade, que me consome!

Té mesmo às beiras do túmulo,
 Quando a Parca me arrojear,
 Há-de jamais olvidar
 Minh'alma o nome teu!

Miguel Gomes da Silva⁽¹⁾

Os exemplos de reconhecimento da beleza e honrosa categoria da nossa terra, não faltam em todos os que se ocupam dela, ainda que incidentalmente, nos seus escritos. Aí vai mais um colhido a esmo. É de João Batista Venturino, italiano, e adido à embaixada do Cardeal Alexandrino em 1571. Diz ele: A esta vila corresponde bem o nome, porque tanto dentro como fora, está cheia de vinhas, olivedos e pomares. É plana. As casas são belas e cómodas, e de bom risco, ou pelo menos - melhor do que é costume em Espanha, caiadas por fora, com chaminés brancas e no topo vermelhas... Quase todas as casas têm quintais com água... É habitada por paisanos. Tem formosas mulheres, etc. (Veja-se o Panorama, vol.V, pág.310).

Tenham paciência os meus leitores: ouçam outro do nosso Fr. José da Natividade: "O nome de Vila Viçosa é uma como definição da sua perpétua amenidade. Vila de Flora - lhe chamou D. Jorge de Almeida de Menezes... no seu poema epitalâmico destas reais bodas (do Príncipe D. José I). Todos os seus contornos são superabundantes e fertilíssimos em todo o género de mantimentos⁽²⁾.

II

(1) Filho de Francisco Gomes Lapa, e criado particular de D. Pedro V. Ficou por algumas semanas em casa do Almojarife Joaquim Cipriano dos Santos no ano de 1860, quando o referido Monarca visitou o solar de seus maiores.

(2) Fasto de Himeneu ou História panegírica dos desp. dos fidelíssimos reis de Portug. D. José e D. Maria Ana Vitória, pág. 212.

Poucos nomes haverá tão adequados aos lugares, como o desta vila; porquanto - viçoso, aprazível, fértil, saudável, fresco de águas e arvoredos, é todo o vale em que tem assento. É geralmente bem edificada, com alguns edifícios nobres...

(Panorama, vol. IX)

Agora deixemos o estilo encomiástico e desçamos ao singelo para constatar a formosura do vale mimoso ou leito de rosas, em que jaz reclinada a Rainha do Alentejo, analisando os princípios, donde se deriva a amenidade, que todos lhe reconhecem.

Quatro cousas se exigem, para que um lugar ou paisagem se torne saudável e atraente. A primeira é a própria situação topográfica em paragem lavada pelos ventos, para que se renove constantemente o ar, que respiramos. A segunda são as águas puras e abundantes, correndo espontâneas, e deslizando-se por sobre as campinas, para alimentarem e vivificarem as árvores, as plantas e as ervas. A terceira é a abundância de arvoredos, que, além de constituírem as galas de uma paisagem qualquer, contribuem poderosamente para se retemperar o ambiente, absorvendo-lhe os gases deletérios, que o fazem nocivo à saúde. E a quarta finalmente é a flora natural, que alastrano solo virentes relvas, matizadas por infinitas rosas, tão lindas à vista, como agradáveis ao olfacto, dando-lhe uma alfombra surpreendente e fascinadora⁽¹⁾.

Tudo isto se encontra em Vila Viçosa e seus subúrbios.

Pelos anos diáfanos brincando
Se agita o vento que refresca e nutre.

(Macedo - Medit. cant. 3)

O grande vale estende-se de noroeste a sueste, para receber o adejar das brisas fagueiras do mesmo noroeste, que o bafejam constantemente sem o molestar, como a pomba volitando em torno de seus filhos, para os acarear, nutrir e robustecer. As ruas, nem sempre alinhadas com escrúpulo, todas exclusivamente se dilatam na direcção de noroeste a sueste, conforme o grande vale, recebendo as correntes do ar, que vem purificá-las de gases meffíticos; e desta regra só se exceptuam as que cortam essas paralelas do sudoeste ao

(1) Isto mesmo expende com pequenas variantes o P.^e Simão de Vasconcelos nas suas Notícias das Cousas do Brasil, L.2, n.64.

nordeste para mais fácil comunicação de seus habitantes. Ao ocidente é mol durado o vale por uma serra, que o abriga dos tufões impetuosos das procelas nas chuvas torrenciais do inverno, e onde vemos diariamente escoar-se o astro iluminador, podendo asseverar-se do mesmo vale o que algures disse ra Filinto Elfsio:

E quando o Sol resvala
E, entre véus de ouro transparente, foge,
As Ninfas destas veigas
Vem, com tímido pé, na minha relva
Tecer ligeira dança⁽¹⁾.

A este ou nascente abatem-se as campinas, para não impedirem, que os ar rebois matutinos venham dourar as agulhas das torres, os píncaros e minarettes dos palácios da formosa Rainha desta paisagem.

Abrem-se as portas do purpúreo dia;
Rompe o Globo da luz e a luz se entorna...

(Macedo - *Medit. cant. 2*)

Que sítio encantador! A Primavera
Surge aqui como a aurora
Do mais formoso dia. Aqui se logram
Os bens que ela consigo
Vem trazendo, e ainda os bens, que além promete⁽²⁾.

Uma topografia tal faculta que, para o nordeste se aviste até os Altos de Vila Boim, e que para o oriente e sueste possa a vista do observador saltar por cima do Guadiana e pairar na contemplação das serras de Olor, etc. em Olivença, na de Alconchel, na de Barcarrota e outras mais até Mérida na Estremadura Espanhola.

O céu claro dum azul transparente lhe forma, noite e dia, um dossel des lumbrante, que só as mãos de um Deus podiam architectar. A noite... não se pode enunciar com palavras!...

(1) *Descrição - no Tom. 3º das Obr. compl.*

(2) *Ibid.*

Já quando posto o Sol, bafagem doce
Se derrama no ar co'as mudas sombras.

(Macedo - *Medit. cant. 2*)

A noite essa abóbada estrelada com tantas pérolas, safiras e diamantes, só nos arranca poucas palavras; mas são as de David, quando cantava, dedicando juntamente nas cordas de sua cítara: Os céus publicam a glória de Deus; e o firmamento dá testemunho da grandeza das obras das suas mãos⁽¹⁾!

A situação topográfica de Vila Viçosa protege os seus habitantes contra o frio gelante do Aquilão com o antemuro do Outeiro da Mina e seus vizinhos, e o antemural do bosque da bem conhecida Tapada Real. Não são constantes aqui os nevoeiros pela manhã, como acontece em Estremoz, aliás tão decantada pelos seus e pelos estranhos; e a abundância das fontes - Grande e Pequena, do Alandroal e do Carrascal, - aquelas nativas ali mesmo e esta última de aqueduto não longo, a par de imensas florestas que de todas as partes circundam a povoação, adoçam-lhe os rigores da estação calmosa e dão ao sítio uma perspectiva agradável, deleitosa, convidativa!...

Quem das límpidas águas se não logra
Tão frescas.....e tão ligeiras?!

(Filinto Elísio - *Ibid.*)

Na serra, que ao poente corre de noroeste a sueste, longa planura, e até bacia dilatada, se estende lá no cimo. A terra siliciosa, salgada ou chumbeira (como lhe chama o vulgo) bebe a longos tragos as chuvas, que a mão de Deus ali entorna, e descendo às cavernas interiores daquela cadeia de pequenos e vulcânicos montes, vão formar as fontes do Criador, que são as mais fartas e admiráveis. Para o poente bastantes bicas dimanam desse imenso reservatório, ou depósito natural, para fazerem reverdecer os campos de Bencatel e cobrir-lhos de verão com imensos feijoais e milhais, que é um gosto vê-los ao cair da tarde, não falando nos dezanove engenhos de moagem de farinhas a trabalharem continuamente; e para o sul desliza-se a levada pública de Pardais com um não inferior número de azenhas⁽²⁾, hortas,

(1) Ps. 18.

(2) A ribeira de Pardais tem hoje 16 azenhas entre quintas e hortas; mas continua pela Freguesia de São Brás dos Matos que até 1834 pertencia ao nosso termo quanto à sua parte setentrional, como explicarei no lugar próprio. Ali havia mais 6.

quintas e pomares... Mas deixemo-los, que são lá fora do vale mimoso: voltamos a este, que é todo cheio de encantos.

Da encosta oriental da serra se destacam jorros de água potável em diferentes alturas; as chuvas do inverno, engrossando os estilocídios da água nativa, lá vêm descendo para o vale numa imensa ramificação de arroyos, que se vão casando uns com os outros e formando aqui e ali regatos inquietos e rumorejantes catadupas, enquanto banham as ladeiras do Alamo, Portela de Evora, Carvalho, Cocheira e Pomar de Filipe, e fundem-se por fim só em dois ribeiros; porque, encontrando-se estes, quase no grande vale, com a eminência de trás da Lapa, e depois com a do Colégio, à qual corresponde para o levante o morro do Castelo, tais obstáculos os fazem continuar a correr em separado, um pela direita e o outro pela esquerda, na direcção do oriente. Pela esquerda corre o Alcarrache, chamado na vila Passadiço e obrigado a desaparecer no subsolo do Terreiro do Paço para reaparecer no lago do Terreiro de Santo Agostinho e se espraiair daí em diante pelo Terreiro da Fonte Grande, enquanto recebe as águas desta e da Pequena, e pelas hortas daquela banda, onde recebe o terceiro nome de Beiçudo. Tanta é a fama da doçura e suave sabor das águas deste ribeiro e daquela última fonte, que um rifão popular afirma, que - quem bebe água da Fonte Pequena, e come abêberas do ribeiro do Beiçudo, já se não ausenta de Vila Viçosa!

O outro ribeiro, que se desliza pela parte direita das vertentes da serra, tem o nome de Rio das Sete pontes ou Ribeiro do Rossio, porque banha o Rossio de São Paulo em toda a extensão; no cabo deste se lhe ajuntam as sobras da Fonte do Alandroal, e mais longe as Fontainhas, situadas entre hortas, formando-se assim uma outra levada, que, posto ser menos abundante de águas nativas que a do Beiçudo, sobreleva-lhe na saborosidade especial das suas frutas e hortaliças.

Benéfico é o mister destes ribeiros gentis, de braço dado com as fontes mimosas da planície, regando tantas hortas e pomares, e dando impulso a tantos engenhos de moagem de cereais e azeitona! Quando lhes parece, que têm já regado os terrenos precisos para a horticultura de um povo, dão-se as mãos na herdade do Paraíso, para irem de súcia, resomnando no mesmo leito até desaguiarem na Ribeira de Borba, cujas pardelhas, assim como os bordallos da Assêca e os picões do Lucifêce, gaba Morais Sardinha, como o melhor peixe do mundo ⁽¹⁾. Dali continuam envolvidos naquela ribeira a seguir uma corrente para o levante do sol, até que na herdade do Ratinho (Freguesia de

(1) Parnaso de V. Viç., L. 2, cap. 17.

S. Romão) se topam com a Assêca. Aqui começam todas estas correntes a obliquar pronunciadamente para o sul, buscando a margem direita do Guadiana, para irem confundir-se na vastidão do Atlântico.

Junte-se a isto, que em Vila Viçosa só não tem poço em casa, quem não quer abri-lo ou lhe falta o terreno para isso; e raríssimos são os poços a cusados de mal saborosos... E porque o são esses mesmos? - Porque os Calipolenses estão acostumados a beber sempre água pura e fina, como poucos a bebem! Tão pura e fina, que o autor do Parnaso desta vila refere dizeremos médicos do seu tempo ser excusado tomarem os seus moradores águas estiladas nas boticas (1).

Tal é hidrografia de Vila Viçosa.

Oh céus, quanto aprazível sítio é este!

(*Filinto Elís. - Ibid.*)

Passemos ao arvoredado. Quando atravesso lá fora campos escavados,

.....onde parece
Que a Natureza esmorecera toda.

(*Macedo - Medit. cant. 2*)

o coração se me entristece mergulhado em desgosto profundo; porque na infância e puerícia me não acostumei a olhar para as campinas e avistar só terra e pedras com alguns arbustos rasteiros! Em Vila Viçosa não é assim. Não temos cá o que de Lisboa chamou Castilho - os semi-africanos páramos dessa desconsolada província transtagana (Jorn. das Bel. Art., vol. 2, nº2). Desde os campos de Borba, ao norte, vem uma rede imensa de pequenos prédios de vinha e olival com hortas, quintas e mui raros farrageais de permeio; e esta rede prossegue até o Alandroal, mais de 2 léguas abaixo, sem se interromper na mesma serra, onde, à vista da povoação, não se antolha um pedaço, que não esteja coberto de oliveiras, - símbolo de paz. Os farrageais e tapadas de terra só de semear, ficam para o oriente, metidos por entre as hortas, até que vão tocar nas coutadas, que desde 1836 estão divididas em pequenos Iraços. Assim mesmo são já frequentes ali os arvoredos novos, a ponto de produzirem os olivais desta parte alguns milhares de alqueires de azeite; e além do olivedo, contam-se muitas fazendas com renques de sobre e

(1) *Ibid. cap. 15.*

azinho , afora os nativos carvalhos, principalmente em redor dos muros ou lindas.

A par da arborização frugífera está a de recreio e de madeiras de corte: Nas levadas e regatos medram os choupos e as faias. Na quinta do Reguengo e outras, bem como nos rossios, vicejam também freixos, maçanqueiras, acácias, eucaliptos, olaias, alfarrobeiras, castanheiros da India, mosqueiros, loureiros, buxo e murta.

Das árvores frutíferas das hortas, quintas e quintais não me ocuparei neste lugar. De quase todas as frutas tem esta vila muita abundância, especialmente das que amaduram no estio e outono.

Mas tu mais c'rôas deste sítio a graça,
Tu, relvoso verdor!

(*Filinto Elís. - Ibid.*)

Resta mencionar as flores naturais, que matizam e realçam os tapetes de verdura, esmaltando esta alfombra, já de si tão encantadora, como as flores artificiais esmaltam os adornos de uma dama em dia de gala.

No fim de Janeiro começam a desabrochar as primaveras ou boninas, semelhando pérolas, dispersas aqui e ali pelas alcatifas de esmeralda. É verdade que junto delas aparecem logo depois flores desengraçadas, como o rinchão, o saramago, a maravilha brava, a margaça e o malmequer com a medicinal macela; mas é isto mesmo, que dá realce às paisagens: a variedade constante de cores e de formas.

Dentro dos farrageais e olivais do vale germinam e crescem os palmitos, os lfríos, os jacintos, as açucenas, os bordões de São José e outras infinitas flores de cebola, que só um botânico poderia discernir e individualizar. A papoula é considerada como epidémica, porque invade e abafa as searas. Nas margens do Ribeiro do Rossio pode ceifar-se a erva-cidreira e a erva-limão. A anêmona e a tulipa-encarnada abundam muito nos olivais de São José. As rosas albardeiras, que são as peonias do país, gostam de casar-se com os troncos das oliveiras, para se furtarem aos golpes da relha do arado. As esporas roxas aparecem até nos olivais da serra; os goivos amarelos guarnecem desde séculos os velhos muros da Cidadela e fortificações exteriores. Nas rosas de Alexandria não falemos: alastram o solo, como as silvas, e obrigam os proprietários a surribar as terras, para as desinçar de tal praga (dizem), que devora a substância dos campos. Junto das penedias de Nossa Senhora do Paraíso erguem-se os coelinhos e as cravalhinhas, de que

os rapazes formam grandes ramalhetes no dia da festa daquela Senhora.

Nas sebes das fazendas campestrés, se há silvas, também aparecem com maior abundância ainda o carapeteiro ou pilriteiro, cuja aromática flor com tão agradável cheiro nos bafeja em Março; com eles brilha a roseira d'armar, o jasmineiro, a murta, a giesta mansa e a ameixieira brava, entrelaçadas pela hera, pelo alegracampo ou salsaparrilha do país, e pela engraçada ma-dressilva....

Quão várias cenas vos oferece o Prado
Fértil de prendas, que lhe deu Natura ⁽¹⁾!

Forma o matiz de peregrinas flores
Ao longe um só painel de imensas cores

(Macedo - Oriente, V, 26)

Mas a serra?!... Oh! A serra não cede em formosura ao vale, guardadas as devidas proporções!... Onde ali não floresce a oliveira e ainda jazem incul-tos os terrenos, assim mesmo há muito que ver e admirar!... Se ali deparamos o carrasco alvarinho, o trovisco de cheiro nauseabundo e o magro len-tisco a par de outros arbustos semelhantes, lá se vê também o gracioso eme-dicinal codesso, a boa

Salva que mil virtudes tem consigo,
Que usar cumpria mais, do que o estrangeiro
Indico Chá de grão dispendio e nome:
A casta e forte Arruda, a feia Losna ⁽²⁾.

procuradas pelos boticários; lá germina o sumagre, o mato-branco, o frugí-fero medronheiro, o estêvão branco e a rosela inocente. Lá está a perpétua e a saudade. Assim como no vale floresce a cada passo o lfrío pequeno, er-gue-se na serra por entre mato e rochedos o lfrío médio a invejar o grande ou papão de larga espadana; mas a todos estes arbustos e flores cheirosas excede em quantidade o rosmaninho e o alecrim:

O fragrante Alecrim, que com seus cheiros
O cérebro conforta; e a namorada
Manjerona gentil, que lhe disputa
Mór extremo e firmeza em seus amores ⁽³⁾...

(1) *Elp. Dur.* - O seu jardim.

(2) *Idem* - A sua horta.

(3) O mesmo.

Ah! O alecrim cobre a maior parte da superfície inculta da serra; e povos distantes, como o de Elvas, aqui vêm buscá-lo, quando querem fazer fogueiras aromáticas em tempos de festa ou por motivos de epidemia!

Com os Hinos das aves
E c'ò som das samponhas, que a Montanha
Remete ao Prado, em ecos,
Ressoando estão as margens do Ribeiro.

(*Filinto Elís. - Descrição. no Tom. 3*)

A este quadro de belezas naturais vem juntar-se a doce harmonia do canto das aves,

... aves, que voando os ares fendem
Entre as folhas c'ò canto os ventos prendem.

(*Macedo - Oriente, V, 25*)

que, volitando de arbusto em arbusto, ora guindando-se às copas altaneiras das faias, choupos e nogueiras, ora transportando-se às humildes sebes, regadas por lascivo ribeiro, imitam o murmúrio das águas, e fazem mais do que isso: - esgotam com seus variados acentos os maiores primores da música melódica. De contínuo

Chilram voláteis, tenros passarinhos
.....
O Chapim de ferrête azul vestido,
A Arvéloa de branco e preto tinta
O Verdelhão de amarelado peito⁽¹⁾!

Desde o chiar enfadonho do Pardal até os sons enérgicos da Calhandra e do Melro ... desde o archar da Perdiz, o paspalhoar da Codorniz e o amoroso arrulhar dos pombos até às inimitáveis árias do Pintassilgo e do Rouxinol principalmente... tudo são vozes que nos convidam a meditar nas belezas da Criação e a render também nós o nosso culto ao Criador de tantas maravilhas!...

Com saudade me recordo agora daquelas noites de Abril e Maio, em que, recolhido em meu leito, cuvia deleitosamente o canto do rouxinol, que pousava sobre a nogueira maior da cerca dos Paulistas, a qual invade o rossiço de São Paulo! Aquele canto mavioso, já compassado, já veloz... aquele trinar,

(1) O mesmo.

a que não alcança a rudeza da gargantá humana.. enfim aqueles arroubamentos dum coração enamorado, despertavam-me a atenção e não podia deixar de entregar-me todo a perceber tão suaves melodias!... Nos intervalos soava o plácido murmúrio do Rio das Sete pontes; mas logo, recomeçando o rouxinol seu canto festivo, para seus acentos applicava os meus ouvidos!... Ah! Se o sono me dominava por fim, era porque aqueles sons incomparáveis me embalavam, como se repousasse em perfumado berço de rosas!...

Assim pois, não obstante achar-me numa populosa vila, gozava eu, quando jovem, daqueles doces encantos, que Horácio encontrava somente na vida campestre, da qual disse na sua lira divinal:

Labuntur altis interim ripis aquae;
 Queruntur in sylvis aves
 Fontes que lymphis obstrepunt manantibus,
 Somnos quod invitet leves⁽¹⁾.

Que cópia de deleites
 Não devolvem tais quadros nos sentidos⁽²⁾?!

Balsa virente de eternal magia,
 Onde as aves gorjeiam noite e dia:

 O que te desenhar, mente sem brio
 Ou nunca viu teus prados, teus montes...⁽³⁾

.....tanta beleza
 Capricho foi da sábia Natureza

(Macedo - Oriente, VII, 75)

(1) Epod. Ode 2.

(2) Filinto Elísio - Descrição no Tom. 3 das Obr. compl.

(3) Tomás Ribeiro - D. Jaime.

CAPITULO III

Harmonia de sentimentos em filhos e estranhos, quanto à esquecida grandeza desta vila. - Endeixas maviosas de um poeta Calipolense. - Vila Viçosa (poesia).

I

Quando da Pátria desditosa os fados
 Não pode contrastar o varão sábio,
 Seus duros males em silêncio chora:
 Por ela noite e dia
 Suspiros mil aos céus envia

 Firme a seu lado as lágrimas lhe enxuga
 Nas tristes agonias
 De seus funestos derradeiros dias.

(Elp. Dur. - Const. nas advers. da Pátria)

Os que têm lido alguma cousa de história Portuguesa, principalmente da Casa de Bragança, não hesitam em confessar, que nenhuma vila Transtagana, e até das outras províncias, se cobre de títulos de glória, mais brilhantes, que os da nossa.

Os estranhos, que a visitam, ainda que de passagem, são concordes em confirmar-lhe a posse dos primores de amenidade e formosura, com que a dotou o Criador.

E que não pensarão os seus próprios filhos a tal respeito?!. Que sentimentos de orgulho e ufania lhes não arrancarão as lembranças dessas glórias naturais e convencionais, embora já meio esquecidas?!. Que se passará especialmente no coração daqueles Calipolense, que se têm dado ao exame de suas históricas grandezas, sacudindo o pó dos pergaminhos antigos, que a traça já tem corroído pouco a pouco?!.

Vejamos uma pequena amostra. Cadornega, todo ancho ao fazer a sua Descrição da muito populosa e sempre leal Vila Viçosa, Corte dos Sereníssimos Duques dos Estados de Bragança, parece engrossar a voz para falar em estilo sublime, e deixa, de certo, claríssimos sinais do desejo, que alimentava de a fazer sobressair a todas as vilas de Portugal. - O Paulista Fr. Manuel Calado, escrevendo aliás menos, excede-o talvez em amor patriótico. Re

putava uma grande glória para si o ser conhecido por natural desta vila; e tanto, que o escreveu em boa letra redonda no seu Valeroso Lucideno ⁽¹⁾, ajuntando logo uma descrição laudativa da sua terra, que nenhuma relação tinha com a obra, que ele estava escrevendo. Chamando-lhe porém retrato de um paraíso, não foi exagerado em excesso, usando apenas de uma imagem bem significativa da ideia, que ele fazia de suas naturais belezas. Excessivo sem dúvida foi outro Calipolense mais velho, que os dois referidos, isto é: Francisco de Moraes Sardinha, autor do Parnaso de Vila Viçosa, escrito no ano de 1618. Este patricio, não contente de fazer figurar a sua pátria como um novo Parnaso, quer que os seus leitores reconheçam uma natureza, particularmente favorecida, na gente de Vila Viçosa, escrevendo um capítulo com esta epígrafe: Da generalidade das naturezas e condições dos nascidos em Vila Viçosa ⁽²⁾. Mais: pretende que Lisboa, não obstante ser cinquenta vezes maior ⁽³⁾, não conte maior número de filhos literatos ⁽⁴⁾; e para dizer tudo numa palavra, recordarei a sua hiperbólica asserção de chamar à nossa pátria - vila a mais notável DO MUNDO ⁽⁵⁾!

A explicação destes louvores, que tocam já no exagero, segundo creio, acha-se nas seguintes palavras de outro Calipolense, que tem estudado a história de sua querida pátria e que ainda vive. A quem aqui nasce (diz ele), o orgulho se exalta ⁽⁶⁾; e eis a razão, por que uns, como eu, meditam em cogligir-lhe as memórias e perpetuá-las por meio da imprensa; e todos em geral desejam ver publicada uma obra desta natureza: mas porque tal tarefa apresenta atritos ou dificuldades, que nem todos são capazes de arrostar e vencer, resignam-se a esperar, que algum jovem Calipolense, mais laborioso e infatigável, apareça enfim a saciar os desejos de todos, fazendo estampar em livro especial a história nobre da sua pátria. Vãs têm sido até agora as suas esperanças! O que têm visto é apenas a luz fugitiva do relâmpago... em curtos esboços!...

II

O meu illustre patricio Dr. Pousão, embargado com as lidas do nobre cargo

(1) Pág. 94 e seg.

(2) O 32 do L.2.

(3) A comparação é dele no cap. 51 do L.2.

(4) Ibid.

(5) L.2, cap.15.

(6) Pousão - Veja-se infra.

de Delegado do Procurador Régio da Coroa, com as suas numerosas clientelas e os não interrompidos cuidados de família, tem sofrido o pesar de ver decorrer tantos anos sem poder enfim acabar o seu Noticiário de Vila Viçosa; e posto que hoje mais aliviado nos empeços com a sua promoção a Juiz de Direito, é de reacar, que não possa ainda assim preencher seus vivos desejos...

Contudo um dia em Elvas, no ano de 1865, esqueceu-se das lidas, que o rodeavam!... Lembrou-lhe a Mãe Pátria; vieram-lhe ao pensamento as galas históricas e naturais da terra, onde seus olhos infantis, ainda trementes, se abriram à luz do dia, e onde passara o melhor tempo da sua peregrinação no mundo sublunar... E como não esquecer-se neste caso do fastidioso e apouquentador, se bem que nobilitante, officio de Jurisconsulto e Delegado do Procurador da Coroa?!...

Quis non malarum, quas amor curas habet
Haec inter obliviscitur⁽¹⁾?

Lembrou-lhe a Mãe Pátria, porque se lhe ofereceria em seu lidar a rememoração dalguma de suas mais notáveis grandezas, ou porque lera patrióticas estrofes de Amorim ou de outro poeta, como o emigrado Filinto Elfsio, que desabafava um dia:

Arredado de ti, na alheia terra,
Suspiro e clamo: Elfsia,
Em ti cuido! a ti vejo, de ti falo:
Tu só em meu sentido
Noite e dia incessante me apareces,
Ora trajada de ouro,
Com reluzente ceptro, em alto sólio
Magestosa sentada
.....
.....
Ora afligida, e de funéreas cinzas
Espargida a cabeça
.....
.....

(1) Horácio - Epod. Od. 2.

Lágrimas tristes, lágrimas de gosto
 Dou à fiel lembrança
 Dos infortúnios teus, dos teus triunfos.
 Assaz lhe são devidas⁽¹⁾!

Pegou na lira e procurou dar desabafo às saudades pela sua terra natal. Sentou-se ali mesmo à banca de Advogado; e afinando-lhe as cordas no meio dos arroubos da inspiração poética, pegou no plectro e começou a tirar harmonias, que em belas rimas dizem com elegante primor, o que eu mal pude alinhar em linguagem solta e desengraçada! Escutem-no os leitores, que hão-de gostar de ouvir modulações tão sublimes, tão maviosos acentos, descantando as mágoas pela mão, que o tempo já deslembrou, e recontando-lhe os peñhores da sua legítima glória, para que não caiam no olvido, mas antes soem alto e bem longe. Eis a canção, a que me refiro:

III

Só não tem coração, quem não suspira
 Pela terra do berço, onde nascera.

(Amorim - Cantos Matutinos)

1.

Se mostras caída no pó da desgraça
 A c'roa de louros que já te adornou,
 S'esgotas oh! triste! venéfica taça,
 Eu sempre te quero, que teu filho sou!

Se bebes aflita do fel da saudade,
 -Saudade pungente do lustre d'outr'ora,
 A dor, que te oprime, consagro amizade,
 De mimos e galas antiga senhora!

Se jaz 'squecido d'heróicas façanhas
 O livro famoso, que aos povos reconta
 De teus caros filhos as glórias tamanhas,
 Que cesse o olvido, que as faces te afronta!

(1) Ode à Pátria no Tom.4 das Obr.compl.,pág.424 da Edição de Paris, 1818.

Sim, pátria querida, é este teu filho,
 Que vai levantar-te rasgados troféus,
 Que vai relembrear teus feitos, teu brilho,
 Meu horto de flores bendito dos céus!

Ai! custa-me tanto, que olvido te oprima,
 Fanando-te os loiros, que Deus te outorgou!
 É sempre custoso da mãe, que s'estima,
 Ver prantos amargos que a dor provocou!

E choras, coitada! sustida às memórias,
 Que já muitos querem de todo sumir;
 Mas eu de teu fausto, de tuas vitórias
 O livro não quero deixar de te abrir.

Qu'importa, què sejas bem pálida sombra
 De quando tu eras o berço d'um Rei?
 Teus campos são sempre florífera alfombra,
 Tens viço, que encanta, que eu sempre te amei.

Abramos o Livro. Vem Códice augusto,
 Sem pejo 'squecido, rasgado sem dó.....
 Oh! vem, que não pode padrão tão robusto
 Cair a pedaços... sumir-se no pó.

2.

Como há páginas formosas
 Neste Códice eloquente!
 Da virtude as sacras rosas
 Junto do loiro virente!
 Vultos soberbos na guerra...
 No saber muito elevados
 Teve esta viçosa terra,
 E vivem tão deslembrados!

Que capitão denodado
 Foi António da Silveira!

Que fale deste soldado
 De Diu a praça altaneira,
 Do assédio defendida
 Quando rei foi Dom Manuel
 E aquela frente aguerrida
 Cingiu frondente laurel.

Onde há hi nome distinto
 Qual esse, que ora deparo?!
 Tomar-me d'assombro eu sinto,
 Pensando em valor tão raro!
 E que as palmas da vitória
 Do conquistador de Damão
 São palmas de tanta glória
 Que realce dão à Nação.

Em parte foram colhidas
 No Cambalão... Malabar;
 Ou domando as aguerridas
 Hostes do Pate - Marcar;
 Outras com glória ganhadas
 Do Samorim com terror,
 Ou recordam afamadas
 Jafanatão, Travancor!...

E o luso, que assim partia
 Tanto ceptro de sob'ranos,
 Que agrilhoava, vencia
 Os Moiros e Indianos,
 Se nessa Mavórcia lida
 Foi como César, venceu...
 Como César sua vida
 Martim Afonso escreveu!

Pedro de Sousa de Brito
 De Bragança Alcaide-mór,
 Foi varão muito erudito,
 De Cristo Comendador.

Cristóvão de Brito Pereira
 Foi grande em feitos raros,
 Pugnando pela Bandeira
 Triunfante em Montes Claros;

E no Templo, que a piedade
 De Dom Nuno levantou,
 Seus mirtos de heroicidade
 As sacras aras levou
 Junto ao grande Marialva,
 A Virgem feita oração
 Por ficar a Vila salva
 E restaurada a Nação!

E que nauta! e que soldado
 António Couto não era?!
 Foi Fidalgo assinalado,
 Na Bafa combatera.
 E Cadornega valente,
 Se foi uma 'spada temida,
 Foi também pena excelente,
 Descrevendo a pátria qu'rida.

3.

Mas nem só das palmas, que outorga Mavorte
 Tiveram, oh pátria! teus filhos dilectos,
 Que 'spada na dextra, zombando da morte,
 Provaram na guerra, por ti, seus affectos:

Também verdes louros aqui avultaram
 Daqueles, que provam a vívida chama
 Dum estro divino, do qual dimanaram
 Sentidas endeixas dum peito, que ama.

A quem aqui nasce o orgulho se exalta
 Por ter de Montanha o berço ditoso,
 D'António da Veiga da Ordem de Malta,

Fernão d'Oliveira, de Pedro Barroso,

Alvaro Vaia, de Castro ilustrado
Rodrigues Carvalho, Manuel d'Oliveira,
Moraes eminentes, do Melo afamado,
De ti, nobre Heitor, de ti Brito Pereira!

A tuba da Fama, que espalha no mundo
As trovas tão lindas do grão Bernardim,
Também anuncia teu estro fecundo,
Hortênsia de Castro, mimoso jardim.

Como eles são belos! os loiros frondosos,
Que a tez d'alabastro à virgem sombreiam!
É pena que os versos, seus versos famosos
Bem poucos os tenham, bem poucos os leiam!

Respeitem-se as cinzas dos vultos gigantes,
Que tu viste, pátria, surgir... elevar...
Cingirem auréolas de luz fulgurantes...
E em lira celeste mil trovas cantar!

4.

Esta terra abençoada,
Se hoje vive desolada,
Se pranteia o seu passado
Tem direito à simpatia,
Pois até à Monarquia
Deu um Rei muito 'stimado!

Sentem-se doces momentos
Junto desses monumentos
De muita briosa acção,
Que provou santa clemência
Ou heródica independência
Da Lusitana Nação!

Aqui há prados de flores,
 Do bosque os meigos cantores
 Soltam ternas harmonias;
 São as águas cristalinas,
 São d'esmeralda as campinas,
 D'olivedo as serranias.

Aqui há dias d'encanto...
 Das noites, sidéreo manto,
 Tem às vezes tal magia
 Um azul tão transparente,
 Que sentimos docemente
 O coração s'inebria!

A ti pois, famosa terra,
 Toda a 'stima, que se encerra,
 Que este peito pode dar;
 Embora tu sejas pobre,
 És digna de canto nobre,
 Que eu te não posso ofertar.

Elvas, 28 de Novembro de 1865.

Francisco Augusto Nunes Pousão.

Foi publicada esta excelente poesia no jornal a Nação, nº 5 388, de 16 de Dezembro do mesmo ano; e depois reproduzida no Campeão das Províncias, periódico de Aveiro, em 1875.

Os Calipolenses comemorados nela, são os que menciona a Biblioteca Lusitana do Abade Barbosa Machado, salvo o equívoco de António da Silveira, que é outro mais moderno e que o poeta confundiu com o guerreiro oriental; o que explicarei em lugar mais próprio.

CAPITULO IV

*Fundação ou princípio da primitiva povoação de Vila Viçosa. - Exame das diversas opiniões a este respeito. - Confirmação da mais provável. - Consi-
derações várias sobre esta matéria.*

As investigações científicas sobre as Antiqui-
dades de um Povo, ao mesmo tempo que oferecem gran-
des atractivos à curiosidade dos espíritos ilustra-
dos, envolvem excessivas dificuldades em satisfazê-
-la.

(Visitação Freire - Observações etc.)

I

E tempo de darmos princípio à nossa história cronológica, sondando como e quando seria fundada a primitiva povoação de Vila Viçosa. Sim: desde já previno os meus leitores, de que não questiono aqui sobre a origem da povoação actual, que, sendo obra de Portugueses, como o está dizendo o mesmo nome - Vila Viçosa, nenhum lugar oferece a dúvidas sensatas o seu começo. Foi D. Afonso III, quem lhe deu a carta de foral, como vila Portuguesa; e deve portanto este Rei ser considerado, como seu fundador. Mas a esse tempo existia uma aldeia no vale de Calípole; e portanto a questão reduz-se a indagar: 1º - se no terreno, em que a moderna vila foi levantada, estivera já outra povoação antiga, - pequena ou grande, e desde quando; 2º - se perto da mesma vila, ou dentro do seu termo, há vestígios de povoações anteriores à erecção do Reino de Portugal.

Dito isto, passo a expender as opiniões, que se leem nas páginas dos nossos historiadores, geógrafos e corógrafos, para discutir o peso, que devem ter na balança da crítica histórica.

O Padre António Carvalho da Costa diz na sua Corografia Portuguesa, que Vila Viçosa foi fundada, 350 anos antes de Cristo, por Maarbál, Capitão Cartaginês⁽¹⁾. Adoptaram esta opinião muitos escritores, que dali a copiaram sem a discutir, como - Fr. Agostinho de Santa Maria⁽²⁾, Fr. Jerónimo de

(1) Tom. 2, pág. 530.

(2) Santuário Mariano, Tom. 6, pág. 197.

Belém⁽¹⁾, António de Oliveira Freire⁽²⁾, etc. Ignoro quem fosse o autor da referida opinião, que também se encontra no Portugal Restaurado⁽³⁾, cujo es critor era contemporâneo do referido Padre Costa; e apenas tenho suspeitado, que ela seja originária do meu patricio Belchior do Rego de Andrade nas suas Antiquidades de Vila Viçosa, nunca impressas, e que talvez fossem escritas com o fim de auxiliar o autor da Corografia Portuguesa. Seja o que for, logo veremos, que este parecer não se abona em sólidos fundamentos; pois, embora existisse já então a nossa vila, o único argumento, aduzido por tais autores, não o prova terminantemente.

O Padre Lima (D. Luís Caetano) diz na sua Geografia Histórica: Querem alguns autores, que (Vila Viçosa) "seja fundação dos Cartagineses, 350 anos antes de J.C.; e para este efeito alegam com o templo, que Maarba edificou então ao deus Endovélico, que situam dentro da mesma vila"⁽⁴⁾. Porém nós re conhecendo (com Resende) a muita antiguidade deste templo, temos por sem dú vida, que não foi edificado dentro de Vila Viçosa, senão a três léguas de distância, onde hoje chamam Terena a Velha; o que se convence claramente com as pedras e inscrições, que dali mandou tirar D. Teodósio, 5º Duque de Bragança. Assentando em um facto tão constante toda a antiguidade do templo de Endovélico, não é bastante prova para a história, que já houvesse Vila Viçosa naquela idade."

Interrompo aqui a discussão do P.^o Lima, para observar, que os autores por mim consultados não dizem, que o templo de Endovélico era situado em Vila Viçosa. Diz Resende, que as aras deste ídolo, vistas por ele no frontispício da Igreja de Santo Agostinho, foram mandadas trazer pelo Duque D. Teodósio I de uma ermida antiga, que existe perto de Terena⁽⁵⁾; Fr. Bernardo de Brito, referindo a fundação do templo do mesmo ídolo, afirma que foi edificado mui perto de Vila Viçosa, onde agora está Terena⁽⁶⁾; e outros ex

(1) *Crónica Seráfica da Prov. dos Alg.*, Tom. 4, pág. 125.

(2) *Descrição Corogr. de Port.* - Ouvidoria de V. Viç.

(3) *Por D. Luís de Meneses no Tom. 4, pág. 298.* O autor invoca tradições antigas, que outrém provavelmente lhe transmitiu; pois não era Calí polense.

(4) *Este grifo e os mais são meus.*

(5) *De Antiquitatibus Lusit.*, L. 4, art. V. *Vizosa - ex antiquo fano, quod exstat juxta oppidulum Therennam.*

(6) *Monarq. Lusit. Tom. 1, pág. 254.* Quase o mesmo diz o autor do Viriato Trag. V, 89.

primem-se, como o Conde da Ericeira: fundou neste território Maarbal... um majestoso Templo ao deus Cupido⁽¹⁾. Parece-me pois, que a lembrança de representar o templo de Endovélico dentro de Vila Viçosa, foi mera ilusão do citado P.^e Lima, que não leu com atenção os escritores, que pretendia refutar. Eu não li ainda tal asserto.

Apesar porém de ter existido o célebre templo Cartaginês duas ou três léguas ao sul de Vila Viçosa, como veremos noutro lugar⁽²⁾, isso não obsta a que estivesse no mesmo território, em que está a nossa vila. O território ou alfoz desta é hoje muito pequeno em consequência de Borba, Estremoz, Alandroal e Terena possuírem termos ou territórios próprios, e por isso mesmo pouco extensos. Ainda presentemente se encontram aldeias, que distam não menos de três léguas da sua cabeça de concelho; por exemplo: a Terrugem e São Miguel de Machede, pertencentes - aquela a Elvas, e esta a Évora.

Continuemos agora a ouvir o P.^e Lima: "Da mesma sorte lhe não é de alguma maneira favorável a tradição(!) de outro templo sumptuoso, que o Pretor Lucio Mumio levantou em honra de Proserpina, 150 anos antes da vinda de Cristo; pois não estava dentro de Vila Viçosa, senão em um sítio, que hoje lhe serve de arrabalde, e onde, conforme o mesmo Resende, se vê a igreja de São Tiago."

Esta prova não colhe, porque as povoações movem-se, principalmente doente para o ocaso do Sol, com o correr dos séculos; e pela mesma razão que o templo de Endovélico, sendo situado perto de Terena, parece não provar a existência ou subexistência de Vila Viçosa naquela remota idade, por mediar entre ambos a distância de três léguas, devia provar agora o templo de Proserpina, que ela já existia, ou principiou a existir com esta fundação, que é situada, como diz o mesmo Lima, num sítio, que hoje lhe serve de arrabalde, a distância de menos de quinhentos metros das portas do Castelo ou Cerca de D. Dinis. E essa narrativa de Proserpina é histórica, e não mera tradição, como há-de ver-se adiante.

Continua ainda o mesmo autor com terceira prova, dizendo: "O mesmo nome de Vila Viçosa mostra não ser de tanta antiguidade, se se fizer reflexão na linguagem daqueles tempos."

Nisso toda a gente concorda. Vila Viçosa é um nome Português; e só no domínio dos Portugueses podia a nossa povoação receber este nome. Não teria porém outro antes de ser anexada à Coroa de Portugal?... Seria até então um

(1) *Port. Rest.*, Tom. 4.

(2) *Infra*, cap. 8.

perfeito deserto?...

Em seguida emite a sua opinião acerca da antiga origem desta vila, dizendo: "A maior antiguidade, que até aqui lhe descobrimos, é do reinado de D. Afonso III, que lhe deu o foral (de vila Portuguesa) no ano de 1270 a 5 de Junho. Até este tempo (diz a Crónica dos Eremitas de Santo Agostinho por Fr. António da Purificação) não era Vila Viçosa mais do que uma aldeia de Estremoz, e que neste estado se achava aquela povoação pelos anos de 1267, quando ali se fundou o Mosteiro da dita Ordem⁽¹⁾."

Já ficam os leitores sabendo, que o P.^o Lima se inspirou na Crónica do Mosteiro de Santo Agostinho, e por isso pôs a máxima antiguidade da nossa vila em 5 de Junho de 1270; mas foi mal guiado o aliás excelente escritor. Purificação quis fazer o seu Mosteiro muito velho... tão velho, que ainda fosse mais antigo, que a vila! Diz porém que esta era apenas uma aldeia, quando se fundou o mosteiro referido; e já isso basta, para ficarmos sabendo, que existia ali uma povoação, pequena embora, naquela época! Logo: sempre a povoação de Vila Viçosa é mais velha, que o Mosteiro dos Agostinhos... Isto de cidades, vilas e aldeias são nomes apenas: eu discuto o princípio dessa povoação, que D. Afonso III levantou à categoria de Vila Portuguesa, como dito é.

Para que os leitores reconheçam a minha imparcialidade nestas questões, em que aliás costuma entrar o amor próprio, lembrarei, que nas Cidades e Vilas da Monarquia Portuguesa, que têm brasão, por Inácio de Vilhena Barbosa, discorre este, como o citado Lima, tomando-o por seu inspirador⁽²⁾; e semelhantemente discorre Alexandre Herculano em umas notas do Tomo II da sua História de Portugal. Veja-se:

"Nota IV. Domínios Cristãos no Alentejo nos fins do século XII. - Por to do o trato de terra ao oeste de Juromenha e Elvas (então de Sarracenos) se dilatavam descampados e rufnas, - consequência das correrias e entradas dos cristãos da Beira ou das que os muçulmanos intentavam contra Portugal, transpondo o Tejo por aquela parte. Assim, geralmente falando, estes territórios ermos a ninguém pertenciam na realidade. Conhece-se o estado de des povoação, em que ainda se achavam nos fins do século XII, não só o Alto Alentejo, mas também o sul da Beira, por muitos documentos que mutuamente se ajudam para indicar este facto..."

"De facto, à vista dos documentos, a nenhuma das povoações, que af hoje

(1) Tom. 2, pág. 255.

(2) Vol. 3, pág. 181.

subsistem, como Avis, Portalegre, Crato, Vila Viçosa, Borba, Estremoz, etc. se pode fazer remontar a origem além do século XIII."⁽¹⁾

Isto foi escrito sem reflexão. Ninguém contesta, que tais vilas foram re edificadas no século XIII, e que muitas delas começaram a ter de futuro uma importância, que até ali nunca haviam tido. Mas a questão cifra-se em decidir, se o sítio, em que está fundada Vila Viçosa e as mais vilas nomeadas, tinha ou não sido povoado, quer como cidade antiga, quer como uma sim ples póvoa ou aldeia, Romana ou Árabe; e é isto o que cumpre estudar⁽²⁾.

Um dos documentos, em que se estriba A.Herculano para supor o Alto Alen tejo quase deserto nos fins do século XII, é ver, que na demarcação dos al fozes, se mencionam cabeços e árvores, como sinais da linha divisória dos mesmos alfozes; mas isto era assim por uma razão muito simples. Havia uma aldeia... (Vila Viçosa, por exemplo); e esta, pela multiplicação de seus moradores, estava na condição de ser lavantada à categoria de Município ou Concelho - ou queria o Rei fundá-lo ali por interesse nacional: - portanto as terras doadas a esse município deviam ser em circuito, conforme o permi tisse a sua posição geográfica, relativamente a outras povoações nascentes ou renascentes, às quais também devia chegar o mesmo benefício.

Agora saibam mais os leitores, que na demarcação do primitivo alfoz de Estremoz em 1258, além de cabeços e ribeiras, mencionam-se outros pontos de contacto, que eram povoações, embora arruinadas, como Borva, Juromenha e Sousel; assim como na demarcação do alfoz de Vila Viçosa é nomeada Benca tel, o Alandroal, Juromenha e Borva, as quais todas não eram ainda vilas (1270), nem foram por longo tempo nem Bencatel o é ainda. Dirão pois, que ainda não existiam, e que não eram povoações renascidas?!

Mais bem avisado andou Alexandre Herculano, quando no Tomo III da sua História de Portugal escreveu o seguinte: "Na verdade sabemos, que além de Aiamonte tudo era, no fim do século XII, uma praia deserta, ou descampa dos, que se estendiam por algumas léguas... Aquém do Guadiana, pelo contrá rio, dilatava-se um território assaz povoado (Cita aqui a obra - De Itine-

(1) No fim do 2º Tom. da Hist. de Port.

(2) É digno de ler-se o artigo do Sr. Eduardo Saavedra (espanhol) - La Geografia Árabe de Portugal, publicado na Revista arqueológica e his tórica, vol. 1, nº 4, de Abril de 1887. Ali se comenta a geografia árabe de Edrisi, e se faz ver - que, no clima de Alcácer ou Alentejo aquém de Beja, apenas ele menciona as seguintes cidades mouris cas: Évora, Elvas e Alcácer! Tudo o mais eram reles aldeias, perten centes a seus termos e que não mereciam especial menção. Tanta foi a ruína que o Alentejo padeceu com a invasão dos bárbaros no séc.V, e depois no VIII com a invasão dos Mouros em suas campanhas postere riores.

renavali, p.45 da edição de Lisboa); e a política de conservar e proteger até certo ponto os Mouros, que preferiam residir com os cristãos a abandonar os seus lares, tinha-se tornado vulgar."

Em nota junta, diz mais: "Este facto, de que mais extensamente trataremos em lugar oportuno, manifesta-se na história das conquistas de Fernando III (de Castela, o Santo), e por vários documentos de Castela e Portugal⁽¹⁾."

Se nisto não diz Herculano o contrário do que havia dito precedentemente, pelo menos atenua muito a sua asserção.

Guardem agora os leitores o conteúdo desta nota, para quando nos capítulos XIV a XVI tratarmos deste ponto com mais individuação.

II

Na discussão do Teatino D.Luís Caetano de Lima distinguem-se três opiniões a respeito da origem de Vila Viçosa: uma, que põe a sua fundação em época anterior ao ano de 350 antes do Nascimento de Cristo; - outra, que a coloca no ano 150 ou 153, também antes de Cristo; - e finalmente outra sua, que repõe essa fundação em 1270, reinando em Portugal D.Afonso III. - O Cronista dos Gracianos Fr. António da Purificação ainda sonhou, que só fora vila af uns vinte anos mais tarde; o que explicarei a seu tempo: como isso porém está destruído pela carta de foral, outorgada pelo Monarca referido e cuja data ele ignorava, deixemo-lo agora, para discutirmos as três opiniões mencionadas pelo P.^e Lima.

A primeira e mais antiga não se sustém de pé por falta de fundamento sólido, quanto aprovar a existência da nossa vila no seu actual assento em tal época. Cita-se apenas a fundação do templo de Endovélico naquela remota idade; como porém esse templo ficava na zona ocidental e perto de Tereña, mediando entre ele e o sítio de Vila Viçosa duas léguas e meia, nada prova que esta já existisse então, ou concorresse o célebre templo para ela principiar a existir; mas, se não é prova positiva, também não o é negativa. Quero dizer: podia existir já então Vila Viçosa, e não se provar isto com o templo de Endovélico. - O ser este fundado em território de Tereña (leia-se antes - do Alandroal), também não é prova de ficar por fora do território de Vila Viçosa, porque os tempos não são sempre os mesmos. Já modernamente o termo de Estremoz abrangeu os de Vila Viçosa, Borba e

(1) Pág. 13.

Sousel, além do seu próprio.

Por último: se a fundação do templo de Endovélico não prova existir nessa época uma povoação no vale de Vila Viçosa, prova todavia que o nosso território (assim como o de Borba, etc.) já era então habitado por gente humana pois é fisicamente impossível, que vivessem homens nos ingratos campos de Terena em tal idade, achando-se desertos as pingues e deliciosas veigas da nossa vila. - De mais Terena e Telena, são nomes latinos tomados da Tellena de Itália (Tito Lívio, L.1^o, Dec.7^a).

Maarbal que passou por lá, é porque lá havia gente: logo, também cá.

A terceira opinião, que põe o princípio de Vila Viçosa em 1270, quando El-Rei D.Afonso III lhe deu carta de foral de Concelho perfeito de primeira ordem, só lhe assina a sua restauração, como Vila Portuguesa; e portanto fica fora da questão, que propus. Eu quero indagar a origem da aldeia, que nesse tempo foi erigida em Vila de Portugal.

Resta-nos portanto a segunda, que põe o princípio de Vila Viçosa no anno 153 antes de Cristo, quando nela foi fundado o templo ou fano de Proserpina. É esta, que eu sigo; e sigo-a pela seguinte razão: Há um facto histórico realizado no vale de Vila Viçosa, junto da sua povoação Romana; menciona-se a fundação dum fano ou delubro, cuja existência é incontestável: portanto podemos principiar af esta nossa história, ficando os acontecimentos anteriores para um capítulo de tempos pré-históricos. A verdade porém é - que a povoação ou vico romano existia já ali desde muitos séculos, pois se Maarbal veio a Terena e já os campos desta eram cultivados, logo - também no vale de Vila Viçosa, pois que naquele clima e terra só podia viver gente quando o nosso território estivesse já ocupado por colônos.

A estas ponderações do bom senso, juntarei no capítulo seguinte as provas de facto.

Nesta questão há três cousas, que se não podem pôr em dúvida. A primeira é a existência de uma guerra dos Lusitanos ou antes Celtiberos contra os Romanos àquele tempo: guerra, de que eu logo tive notícia, quando era estudante de Eutropio. In sequenti anno (diz ele) Lucius Memmius in Lusitania bene pugnavit: Marcellus postea Consul res ibidem prospere gessit⁽¹⁾; o que se traduz em português deste modo: No seguinte anno⁽²⁾ Lucio Memínio

(1) *Breviarium Hist. Rom. Lib. 4, cap. 4.*

(2) 600 da fundação de Roma e 153 antes de Cr., segundo a cronologia que adoptei. Outros dirão - pouco mais ou menos.

batalhou com vantagem na Lusitânia: depois o Consul Marcelo fez no mesmo país muito boa administração. Infelizmente os historiadores Romanos foram muito lacónicos a respeito desta guerra, deixando-a quase no silêncio⁽¹⁾: no entanto Cassiodoro observa, que os consules do ano 600, - Quinto Fulvio e Tito Annio, foram os primeiros que tomaram posse do consulado nas Calendas ou primeiro de Janeiro, para darem providências sobre a guerra, que repentinamente rompera na Celtibéria (Alentejo, na Lusitânia)⁽²⁾; o que nos dá bastante ideia do cuidado, que ela causara em Roma. - A segunda cousa igualmente certa, é que dessa guerra provém o templo de Proserpina a Reparadora ou Salvadora, invocada por Mummio com promessa de lhe erigir um fano, se ele chegasse a reparar o dano recebido nos primeiros recontros com os Celtiberos ou Lusitanos do Alentejo. A terceira é, que esse templo votivo existiu em Vila Viçosa no subúrbio, em que está edificada agora a Ermida de São Tiago.

Tudo isto será posto em relevo no seguinte capítulo.

III

Dir-me-ia agora o meu contendor P.^e Lima, se vivo fora, que insistia no seu argumento da novidade do nome Vila Viçosa; e eu que gosto bastante de profundar as questões, não me forraria, como não forro, a olhar esta sob todos os seus aspectos. Por isso vou alargar-me ainda.

Vila Viçosa é um nome novo, porque é português. Se foi El-Rei D. Afonso III, que o deu a esta povoação, ignoramo-lo, porque a carta de foral não o diz expressamente, consignando apenas que El-Rei tinha povoado a vila, que se chama Vila Viçosa⁽³⁾, sem dizer, que fora ele mesmo que lhe pusera este nome, ou se foram os que já aqui moravam: mas em todo o caso foi este Soberano, que lhe o homologou. - Entre os motivos, que actuaram em mim para mandar tirar na Torre do Tombo certidões dos forais de Vila Viçosa e Estremoz, era um deles saber, que nome tinha a aldeia de Vila Viçosa, an-

(1) Assim diz o Comentador da edição de Eutropio, feita em Lisboa no ano de 1815.

(2) *Hiprimi consules Calend. Ianuariis magistratum inierunt, propter subitum Celtiberiae bellum.* - *Hist. Rom. Epitoniae*, pág. 728 da Ed. de Amsterdam de 1625. - *Chronicon M. Aur. Cassiodori.*

(3) *Villam, quae nocatur Villa Viçosa, populani, etc.*

tes de ser vila; mas quanto a isto não pude satisfazer a minha curiosidade, porque nada achei escrito a tal respeito. Resta-nos portanto abraçar a tradição popular, que diz chamar-se então: Vale Viçoso.

Mas este nome é também já português, e do século XIII; e reputando eu a povoação de Vila Viçosa existente desde o domínio dos Romanos e século e meio (ao menos) antes do Nascimento de Cristo, quero supôr, que me pergunta qualquer também o nome dessa povoação nas épocas anteriores à dominação Portuguesa, isto é, no tempo dos Romanos, Godos e Mouros; e por isso mesmo vou apresentar algumas reflexões neste sentido.

1ª - O conhecimento dos nomes antigos das povoações da Lusitania pertence hoje a Deus unicamente; pois ninguém se tem dado ao trabalho de o investigar, salvo num ou noutro caso raro. Mais. Conhecem-se 56 nomes de cidades Lusitânicas nas Tábuas de Ptolomeu, sem que os nossos antiquários a certem com a sua situação; e isto porque, ondê antigamente floresciam cidades populosas; são hoje aldeias ou campos de lavoura. Mais. Essas mesmas cidades tomaram nomes novos nos diversos domínios, que sofreu a Lusitânia. Mais. Está provado, que as geografias antigas eram muito imperfeitas, notando-se até que cidades Episcopais do tempo dos Romanos, como Visseu, não sejam nomeadas pelos geógrafos antigos⁽¹⁾. Mais. É certo e indubitável, que as cidades Romanas da Lusitânia constavam de grandes territórios ou comarcas, onde estanciava grande número de vicos e pagos (aldeias), que necessariamente haviam de ter seus nomes próprios⁽²⁾; mas os geógrafos só mencionaram (quando muito) os nomes das cabeças de Concelho, ficando em silêncio os nomes das aldeias ou vicos: o que se prova, além de outros exemplos, com os Itinerários Romanos de Antonino Pio, onde se marcam estações em terras, que os geógrafos não mencionaram.

Ora (desde já o declaro) Vila Viçosa nunca foi cidade em tempo dos Romanos: foi apenas aldeia daquela, que floresceu nos campos de Bencatel (ou de Pardais), ao inverso do que hoje sucede. Portanto escusado é inquirir-se o nome de tal aldeia, que está perdido para sempre: o que aliás não sucedeu a Borba; pois, se este nome não lhe foi conservado pelos geógrafos, conservou-lho a tradição.

Cidades, que tenham hoje ainda o seu nome antigo, posto que algum tan-

(1) *Cap. do seu Bispado no Tom. 14 da España Sagrada.*

(2) *Como Cannas, em Itália, immortalizado pela batalha de Aníbal, aliás esquecido para os modernos; Andes, vico de Mantua e pátria de Virgílio etc. Os Helvecios em 12 cidades tinham cerca de 400 aldeias. - César, De Bello Gallico, L.1, cap.15. Porque não seria Segeda, capital dos Celtiberos - Cellos, o primitivo nome de uma das nossas povoações em Bencatel ou Pardais.*

to invertido, são raríssimas. Évora, Mértola, Beja, etc. são dessas poucas felizes. Já Badajoz, que é evidentemente a Pax Augusta, não se encontra relacionada por geógrafo algum dos antigos, nem Elvas, que é com certeza nome velho. Santarém, que é nome novo, derivado de Santa Irene (Iria), e posto àquela cidade no tempo dos Godos, tirar-lhe-ia toda a sua prisca fama de Convento Jurídico da Lusitânia, se por outros vestígios não revivera o seu nome antigo de Scalabis e o outro posterior de Praesidium Julium. Raras porém lograram a mesma fortuna.

Leia-se para desfastio da minha linguagem o trecho seguinte de Duarte Nunes de Leão: "A variedade das gentes, que em Espanha vieram habitar e dominar, foi causa de se mudarem os nomes antigos, que as cidades e lugares tinham ao tempo da sua fundação. Uns mudaram os Romanos... os Godos, Alanos, Suevos e os mais bárbaros destas gerações setentrionais... corromperam e mudaram muitos, como fizeram a tudo o bom, que dos Romanos acharam, como de gente, a que eram mais infestos per ódio e inveja de sua muita potência e polfícia... e vieram arruinar-lhes os ediffcios", etc⁽¹⁾. Prova isto com as circunscricões territoriais dos Bispados.

Ainda acrescentarei, que os Reis Portugueses também usaram mudar os nomes às terras por eles repovoadas. Veja-se. D. Afonso III, o fundador da moderna Vila Viçosa, dando foral a Valença, muda-lhe neste o seu antigo nome de Contrasta (ano de 1262); e a povoação de Atrio, na foz do Lima, passou da mesma sorte a ter o nome de Viana⁽²⁾. Isto sabe-se, porque o dizem os forais respectivos, dados pelo Rei sobredito.

2ª - Exigir portanto de uma povoação, que exhiba o nome que tinha nas geografias antigas, para lhe serem garantidos os foros de velha origem, seria uma pretensão estulta, por dar com isso a, entender, que são hoje conhecidas todas as povoações que se acham registradas nessas geografias.

Não é assim; e é sabido que muitos acampamentos romanos vieram a ser aproveitados para cidades, como lugares defensáveis pelas fortificações que já tinham fabricadas pelos exércitos: assim Castra Júlia, Castra Cecília, etc. E todavia encontra-se quem faça tais exigências. Lembrarei por isso, que o P.^e Costa na sua Corografia Portuguesa⁽³⁾ diz a respeito de Estremoz: E povoação moderna, porque dela se não acha menção nos antigos geógrafos:

(1) *Descrição do R. de Portugal*, pág. 30 da ed. de 1785.

(2) *Monarq. Lusit. Tom. 4*, pág. 404.

(3) *Tom. 2*.

o que é aduzir um argumento falso.

Eu já fiz ver o que valem as geografias antiqas; e ainda o hei-de es miuçar mais no capítulo IX; mas agora vou já pôr diante dos olhos dos leitores o quadro das cidades dos Celtas, feito por Ptolomeu, (que é o geógrafo mais explícito, se bem que ainda imperfeito) para convencê-los do que atrás enunciei; isto é - que das mesmas cidades, cabeças de comarca, inscritas nas geografias, ignora-se geralmente o território, em que pousaram. Vejamo-lo.

Depois de atribuir aos Turdetanos algumas povoações na costa do Algarve e outras na do Alentejo até Salacia e Cetobrix (Alcácer e Setúbal), e bem assim duas cidades mediterrâneas, que são Pax Julia e Myrtilis (Beja e Mértola), Ptolomeu, escritor do 2º século, continua dizendo:

"No interior destes povos habitam os Célticos, entre os quais estão na Lusitânia estas cidades:

Langobrica....	5. 45. 40. 15.
Cepiana.....	5. 20. 40.
Bretolaeum....	6. 40.
Myrobriga.....	5. 20. 39. 45.
Arcobriga.....	5. 40. 39. 25. (1)
Meribriga.....	6. 30. 39. 40.
Cattaleucos (ou Catraleucos)	5. 40. 39. 20.
Pyrgileuci (Turres albae)	6. 10. 39. 40.
Arandis.....	6. 30. 39. 5. (2)

Aqui veem os leitores nove cidades ou comarcas, existentes numa área de quase vinte léguas em quadro, compreendido, segundo as minhas investigações, desde Estremoz até Mértola e correspondentemente para oeste, sem to davia chegar à costa marítima. Havia nesta mesma quadratura alguns povos de Lusitanos, como Eburá, Geraca, etc. Agora perguntem onde foi a situação de cada uma destas cidades, ou quais as povoações, que hoje as representam, e as respostas serão: Umas, Não se sabe; e outras, como a seguinte: Catra leucos é a vila das Alcáçovas, no dizer do autor da Corografia

(1) Comquanto a edição de Ulma indique 30.25, é certo haver nisso erro palpável!

(2) Geogr. de C. Ptolomeu (De situ orbis) Lib. 2, cap.5. - Hispania Lusitaniae situs. Europae Tabula 2.

Portuguesa⁽¹⁾; é a vila do Crato, como opina o autor do Mapa de Portugal⁽²⁾, etc., etc.

IV

Expendido fica já, que considero a nossa antiga Vila Viçosa, como simples vico, pago ou aldeia Romana sem outra celebridade conhecida, além do templo de Proserpina. Era como aquela Andes, aldeia de Mantua, onde nasceu o grande Epico Romano, e que, só por isso mesmo, teve a fortuna de poder transmitir o seu nome à posteridade.

Inclino-me a crer com modificações importantes o que têm dito alguns a respeito da povoação, que, ou já existia, ou começou a formar-se com a fundação do templo referido. Duçamos o P.^e Costa, a quem tantos têm copiado:

"Era tão frequentado o templo de Proserpina, que (isto) obrigou o Pretor (Lucio Mummio) a povoar o sítio, e se fez uma grande república. Entrou no domínio dos Arabes (Mouros) e a conquistou Afonso II no ano de 1217. De pois se arruinou de todo, e a reedificou no ano de 1270 Afonso III com grandes foros e privilégios⁽³⁾."

Desejaria saber, onde foram bebidas estas noticias, para melhor poder averiguar o grau de verdade que elas encerram; e como ainda não pude haver às mãos as Antiguidades de Vila Viçosa escritas pelo meu patricio dr. Belchior do Rego de Andrade, tenho imaginado, que aquella obra, nunca publicada pela imprensa, fora composta com o fim de auxiliar na redacção da Corografia Portuguesa, o P.^e Costa, que ainda foi contemporâneo daquelle meu patricio. Não sei, se aconteceu assim; no entanto é certo, que aquellas corografias, como assunto de imensa vastidão, procedem ordinariamente de in formações alheias.

Se não foi como suspeito, foi de certo por esta forma. O P.^e Costa dirigiu-se a alguém de Vila Viçosa, e este alguém, impando com desejos de sublimar os primórdios da sua pátria, forneceu-lhe aqueles apontamentos. Eu não sou assim. Se desejo engrandecer a minha terra natal, ambiciono igual

(1) Tom. 2.

(2) Tom. 1. - É mais provável que Castraleucos seja Alcáçovas, pois este nome, do árabe kassba, quer dizer o mesmo que o latino Castra: acampamento. - Turres albae deve ser o Torrão.

(3) Corogr. Port. Tom. 2, pág. 510 da 1.^a ed.

mente não ultrajar a verdade, nem expor-me a afirmar aquilo de que não tenho certeza.

O templo ou fano de Proserpina ocasionou a formação de uma póvoa em torno dele. Isto é natural, e além disso, prová-lo-ei no seguinte capítulo com algumas lousas funerárias, e depois com outros documentos. Que porém fosse o mesmo Pretor Lucio Mummio o fundador aqui de uma colónia Romana, é cousa inverosímil; porque ele não se demorou muito tempo no governo da Espanha Ulterior. Acabada a guerra, foi a Roma, para receber o galardão do triunfo.

Se o templo de Proserpina foi magnífico e sumptuoso, como se tem dito a cada passo, eu não acho provas disso; mas de que era frequentado com rogagens e devoto culto, exhibirei documentos no seguinte capítulo.

Sendo pois tudo isto conducente a povoar aquele sítio, como dita a boa razão, não era por outra parte motivo bastante, para que essa povoação chegasse a medir a extensão de uma grande república, como afirma a Corografia Portuguesa. E penso desta maneira, 1.^o porque não tenho conhecimento de ruínas tão abundantes no vale de Vila Viçosa, que nos façam pressupor ali a existência duma grande cidade Romana; 2.^o porque sendo assim, já o nome desta grande cidade - república - devia soar bastante às orelhas dos geógrafos antigos, e achar-se por isso mesmo registado nas suas obras.

Aqui há um equívoco ou confusão de cousas, ou seja do P.^e Costa, ou de quem o inspirou.

Eu bem sei, que a palavra - república - é empregada neste caso para designar um grande Concelho ou Comarca, na qual se compreendiam muitos vicos, arrabaldes ou aldeias; e creio firmemente que a pequena povoação de Vila Viçosa fez parte dessa comarca: não acredito porém que fosse a cabeça ou centro dela, que é o que se inculca nas palavras, que deixei transcritas.

Lugarejos ou aldeias Romanas, houve muitas entre nós; e um quilómetro apenas ao noroeste da actual Vila Viçosa estava logo uma na veiga de Vale do Bispo e Cortes; o centro porém de todos estes lugarejos ou vilares ficava quatro quilómetros ao poente da moderna vila. Eis o que não tem sido explicado até agora.

Bencatel era o centro da grande comarca, à qual pertenciam necessariamente os muitos vicos existentes na sua zona desde Terena até Estremoz, e no vale, que desde Pardais sobe por Vila Viçosa e Borba até a mesma vila de Estremoz.

Tudo isto hão-de ver os leitores demonstrado adiante; e para dar já a

saber, que o nosso território se achava habitado, quando Lucio Mummio fundou o templo de Proserpina, comunicar-lhes-ei, que tenho um denarius quadrigatus do consulado de Caio Cassio, que reputo ser mais velho uns dezasseite anos, que o templo referido: mas foi achado nesta aldeia de Bencatel, onde escrevo as Memórias de Vila Viçosa. Se eu não restringira a questão da fundação desta vila ao próprio lugar, onde ela está situada, e em vez disso considerara a colonização do seu território, diria - que não só é do tempo de Maarbal, mas até muitíssimo anterior a ele, que depois de ter fundado o templo de Endovélico (se o meu juízo é certo) passou a visitar o centro da grande comarca do nosso território...

CAPITULO V

O templo de Proserpina. - Motivo porque foi edificado. - Demonstração da sua existência no lugar da ermida de São Tiago. - Uma diversão histórica.

Donde hoy Villa-viciosa, hubo una poblacion, en que tenia culto especial la diosa Proserpina.

(Flores - España Sagrada)

I

Assentada a opinião de que Vila Viçosa teve o seu princípio, como lugar-rejo ou aldeia, ao menos quando foi edificado o templo de Proserpina, leva-nos essa mesma opinião a dar conta do referido templo, consignando aqui o motivo e a data da sua fundação com as mais notícias, que dele nos restam.

No ano 3 847 da Criação do homem (segundo a melhor cronologia, que põe o Nascimento de Cristo, Senhor nosso, no ano 4 000) e portanto cento e cinquenta e três anos antes de vir ao mundo o Redentor prometido, ou no ano 600 da Fundação de Roma, diz Laimundo, escritor Godo, citado por Fr. Bernar

do de Brito, a quem sigo nesta narração⁽¹⁾, que Lucio Mummio, Pretor da Espanha Ulterior, edificou um templo a Proserpina, que, segundo a mitologia pagã, era mulher de Plutão e deusa do inferno; e esta edificação, conforme assevera o mesmo Brito, foi feita em Vila Viçosa no lugar, onde hoje se vê a ermida de São Tiago Maior.

Deve-se ter presente, que os Lusitanos, ciosos de sua antiga liberdade, não queriam aceitar o jugo dos Romanos, sendo precisos dois séculos de lutas sangrentas, para enfim se irmanarem com os seus invasores e viverem contentes com a sua dominação, como pode ver-se nos historiadores daquela época. Agora era Cesarom ou Cesarão quem capitaneava os Lusitanos, ou antes - Celtiberos, insurgentes contra as invasões da República de Roma, que logo depois começou a terceira Guerra Púnica, para destruir inteiramente o poder de Cartago, sua rival, e ficar possuindo a supremacia de todo o Ocidente da Europa, e até da mesma África, onde estava o centro do Império Cartaginês.

Lucio Mummio viu durante o seu governo levantar-se na Lusitânia o intrépido Cesarom, que à testa de um punhado de valentes, mais destemidos que dextros na arte da guerra, se negava a obedecer aos mandatos de Roma; inspirava aos povos a sua rebelião contra os novos invasores, e repelia a força com a força, quando os soldados Romanos penetravam em nossas comarcas. Não fazia só isto: assaltava até as colónias Romanas e levantava delias ricas presas, voltando com seus soldados, carregados de despojos.

Esta atitude rebelde e hostil de Cesarom deu cuidado ao Pretor ou governador desta província da Espanha Ulterior, que abrangia os territórios aquém do Ebro. A Espanha Ulterior continha duas divisões que mais tarde foram províncias distintas. A do sul compreendida entre o Betis ou Guadalquivir e o Guadiana era a Bética. E desde o Guadiana até o Douro era a Lusitânia. Reuniu ele forças em número suficiente para rebater o caudillo Celtibero e escarmentá-lo bem com uma severa lição, dada por soldados práticos e encanecidos nas lutas da guerra. Compunha-se o seu exército expedicionário de quinze mil soldados Romanos, afora os socorros dos indígenas Espanhóis, que já viviam em boa graça com os seus novos dominadores.

O Consul Fulvio manda brevemente

(1) *Monarq. Lusit. Tom. 1, pág. 254. Esta história é contada por outros além de Laimundo: Appiano Alexandrino é um deles, segundo o P. Flores, que no Tom. 13 da Esp. Sagr. chama Cesarás ao capitão Lusitano e abaixo o veremos. - Faria e Sousa na Europa Portuguesa, Tom. 1, pág. 120, recopilou a Brito; e assim outros.*

Ao Pretor Mumio, que sobre eles volva
 O Consular exército potente
 E Lusitânia em fogo e sangue envolva.

(Mascar. - Viriato trag. III, 101.)

A esse tempo saqueava o Capitão Celtibero a fertilíssima região da Bética ou Turdetânia, que hoje se chama Andaluzia e Estremadura Espanhola; e en caminhando-se para ali com seu exército o Pretor Lucio Mummio, a fim delhe dar caça, desviou-se dele o nosso compatriota: obliquou para o Guadiana, e logrou o intento de fazer passar para a margem direita deste rio todos os gados e mais presas, que trazia. Continuando Cesaron a sua marcha para o norte, veio dar a um grande vale, onde, sendo já vivamente acossado pelas tropas do Pretor, viu-se obrigado a fazer alto e aceitar uma batalha em cam po raso.

Travada a peleja, os Lusitanos cedem o território; e as centúrias Romanas trepam acima de seus arraiais de lança em riste ou de espada em punho. Com maus auspícios se encetava a luta!

Cesaron porém não esmoreceu com este primeiro revés: trata de recompor as fileiras dos seus soldados; e tão denodadamente se arroja com eles sobre o exército inimigo, que o obriga a retroceder para além dos arraiais e põe as hostes Romanas em completa debandada.

Este encontro custou aos Lusitanos cinco mil mortos; colheram porém a palma da vitória: ao passo que os seus adversários ficaram vencidos e deixaram no campo da batalha duplicado número de Romanos mortos, além dos Turdetanos ou Andaluzes, seus aliados, e em seus arraiais despojos riquíssimos, em que se contavam muitas armas e bandeiras

Não valeu aos Romanos a experiência
 Militar, em que mui versados eram;
 Que os nossos com valor e pouca ciência,
 Depois de vencedores, os venceram.
 Vinte mil, que fizeram resistência,
 A mãos de Lusitanos pereceram:
 Foge Mumio seus deuses blasfemando,
 Riquezas mil ao Vencedor dando.

(Viriato trag. *ibid.* 107)

Mummio retirou-se a um lugar alto e fortificado pela natureza, e que de via ser para a parte do Meio-dia ou do Guadiana, donde trouxera a sua mar-

cha⁽¹⁾. Restavam-lhe perto de cinco mil homens e tratava de os disciplinar por meio de repetidos exercícios, fortificando-se entretanto com um largo e profundo valo ou fosso. Esta espécie de trégua era-lhe vantajosa, porque não só lhe facilitava o poder adextrar as relíquias do seu exército, mas dava-lhe tempo de munir-se com novos reforços e mantimentos, que lhe mandavam da Turdetânia. Porém aos Celtiberos vitoriosos não convinha, decerto, este armistício; e trataram de provocar os Romanos para uma nova batalha, aproximando-se de seus arraiais e mostrando-lhes com bravatas e sarcasmos as bandeiras, que haviam deixado perder no primeiro combate.

Cesaron por fim, mais arrojado que prudente, resolveu-se a atacar os Romanos em seu próprio entrincheiramento: prepara os seus batalhões, compostos de perto de seis mil homens, e marcha a dar-lhe um assalto. Mummio forma também os seus e desce a esperar o conflito; mas vê-se obrigado a recuar pelo outeiro acima no meio de um desânimo completo das suas tropas... Afrontado assim e constituído em gravíssimo perigo, lembra-se de recorrer ao auxílio dos seus deuses; faz um voto a Proserpina de lhe edificar um templo naquela parte, em que pusesse aos seus inimigos em completa derrota e recuperasse os já perdidos louros da vitória; e com isto cobrou novo ânimo.

A necessidade pois de se defenderem para evitarem perigos maiores, reforçada com a esperança dos auxílios sobrenaturais, fizeram alentar os esmorecidos Romanos. Rebateram no segundo ataque a fúria dos nossos, repelindo-os pela encosta abaixo; e porque a fortuna lhes começava a sorrir, Mummio avança contra os Celtiberos, já postos em desordem, e vai perseguindo-os com vantagem até um vale arborizado. Aqui se feriu a última refrega; e o campeão das liberdades pátrias, caindo mortalmente ferido, perde a vida e a palma da vitória, que poucos dias antes houvera ganhado.

(1) *Figurado este caso no vale de Vila Viçosa, não faltam eminências ao sul dela, em que se possa fixar este acantonamento das tropas do Pretor. Lá está a serra de Maria Rica e o notável Outeiro da Torre, que é um bom ponto de apoio, ainda mesmo que a retirada fosse dos plainos de Bencatel; e o do Amial, mais ao sul, figurando-se os Romanos batidos em Pardais. Mascarenhas escreveu assim no Viriato Trágico (III, 108):*

*Lucio Mumio, a que seus temores tinham
Subido sobre uns montes penhascosos
Com cinco mil soldados, que ainda achara,
Ali, como prudente, se repara.*

Foi no mesmo lugar, em que Cesaron caíra morto, que, segundo o historiador Godo, se começou logo a construir o templo de Proserpina com o título de Reparadora ou Salvadora, por ter feito, mediante o seu suposto auxílio, reanimar a coragem nas legiões Romanas e ressarcir os danos do combate anterior. Para que se veja harmonizar-se muito esta narração com a de Appiano Alexandrino, aqui traduzo esta última da edição de 1592 (em grego e latim): Em lugar do Cartaginês foi eleito um homem, chamado Cesarás. Este, travando uma batalha com Mummio (que viera há pouco de Roma com um exército) fugiu como vencido: seguindo-o porém Mummio com o exército espalhado e desordenado, Cesarás, fazendo caras à rectaguarda, matou-lhe nove mil homens, e recuperando toda a presa e os seus arraiais, ainda se assenhoreou dos arraiais dos Romanos, e saqueou muitas bandeiras, que os bárbaros levavam em triunfo por toda a Celtibéria, Mummio exercitava dentro de um lugar entricheirado, os cinco mil soldados que lhe restaram, determinando não descer à campanha rasa, sem que se reanimassem os espíritos aterrados com o recente desastre. E observando que os bárbaros transportavam para algures uma parte da presa, dá neles de improviso, e recuperou tanto a presa, como as bandeiras⁽¹⁾.

Eis aqui o facto, que motivou a fundação do templo de Proserpina Reparadora; e agora resta-me demonstrar, que o referido templo existiu efectivamente no local, onde hoje se vê a Ermida de São Tiago.

II

Que o templo de Proserpina foi situado, onde mais tarde os habitantes de Vila Viçosa consagraram uma Igreja ao Apóstolo das Espanhas, prova-se com o testemunho de André de Resende, príncipe dos antiquários Portugueses, que no seu livro das Antiquidades da Lusitânia assim o afirma. São estas as suas palavras: Proserpinae ibi delubrum fuit, ubi modo S. Jacobi aedes est, in suburbio, UBI HAEC INVENI MONUMENTA -, as quais se traduzem do seguinte modo: Houve ali um templo de Proserpina, fabricado no lugar em que agora está a igreja de São Tiago, num subúrbio, onde (ubi) encontrei os seguintes monumentos⁽²⁾.

Note-se que André de Resende encontrou (ele mesmo) junto da Ermida de S. Tiago os seguintes monumentos, que são três aras ou lápides comemorativas

(1) Pág. 286, Lib. de Bellis Hisp.

(2) De Antiquit. Lusit. Lib. 4 - Vila Vizosa.

de votos feitos à deusa, e cuja cópia tiro do livro do mesmo Resende, para que os leitores as vejam. Ei-las:

PROSER
 PINAE
 SANCTAE
 G. IVLIVS
 PARTHENOP
 AEVS VOT.
 QVOT FECIT
 A. L. P.

Quer dizer: Gaio Julio Parthenopeu de boa vontade pagou à santa deusa Proserpina, quantos votos lhe fez.

Q.HELVIIVS
 SILVANVS
 PROSERPIN
 AE VOTVM
 S. AN. L. P.

Isto é: Quinto Helvio Silvano pôs de boa mente o dom prometido à deusa Proserpina.

PROSERPINAE
 SERVATRICI
 C. VETITIVS SIL
 VINVS PRO EV
 NOIDE PLAVTIL
 LA CONIVGE SIBI
 RESTITVTA
 V. S. A. L. P. ⁽¹⁾

Em português: Caio Vetício Silvino, em cumprimento do seu voto, pôs de boa vontade o dom prometido a Proserpina, por motivo de lhe ser restituída sua mulher Eunoide Plautilla.

Estas lápides são uma prova irrecusável da existência do templo de Proserpina Reparadora no subúrbio ou rossio oriental de Vila Viçosa, conhecido pelo nome próprio de Outeiro do Ficalho, em cujas faldas orientais e bo reais está a dita Igreja de Santiago, o Convento da Piedade e a Igreja de S. Luis, rei de França, sendo estes dois últimos edifícios de origem moderna.

A conjunção ubi, que está nas palavras de Rezende, tanto pode referir-se à Ermida do Apóstolo das Espanhas, como ao subúrbio, em que ela está situada; o que todavia não destrói a força comprobativa das lápides: ou no lugar da Ermida ou cerca dela achou Rezende três lápides que atestam haver ali recebido culto a deusa Proserpina Salvadora. Isto nos basta constatar por ora.

Mas Rezende registou igualmente o seguinte cipo encontrado na mesma ocasião e no mesmo sítio:

D.M.S.
 PLUTARIUS
 AN.XXIII H.S.
 E.S.T.T.L. SEM
 NE ET SEMN.MA
 TER POSVERV.NT

(1) *Votum solvens, animo libens posuit.*

Quer dizer: Dom consagrado aos manes (ou mortos). Aqui jaz Plutário, falecido na idade de 23 anos. A terra te seja leve. Semne e Semnine, sua mãe, lhe puseram esta lousa sepulcral.

Ora, esta pedra está dizendo claramente que cerca do templo de Proserpina moravam criaturas humanas, ou por outra: que ali estava uma povoação romana, grande ou pequena, o que por ora pouco importa para a nossa questão.

Mais. O mesmo Rezende traz no fim do referido artigo sobre as antiguidades de Vila Viçosa⁽¹⁾ uma outra inscrição que, à falta de declarações suas, devemos supor achada por ele na mesma vila; e assim o entendeu Levi Maria Jordão nas suas Inscrições Romanas de Portugal, publicadas há pouco.⁽²⁾ Reza ela assim:

D.M.S.
P. PETRONI
VS CAVTIN.
ANN.LXXXXI
LAVDICE
MARITO PIIS
SIMO POSVIT
H.S.E.S.T.T.L.

e quer dizer: Memória ou dom consagrado aos mortos. Aqui jaz Publio Petronio Cautinense, que faleceu de noventa e um anos de idade. Por ser bom marido, lhe mandou pôr esta lápide sua mulher Laudice. A terra te seja leve.

No alpendre da Igreja de Santo Agostinho esteve também a seguinte pedra inscricionária, de que faz menção o cronista do mesmo Convento⁽³⁾ e a Academia dos Humildes e Ignorantes:

PROSERPINAЕ SAN
CTAE CIVELIVS
EX VOTO FECIT.
A.L.P.

(1) Lib. 4, pág. 238 da 1ª edição.

(2) Este livro, que vi na Biblioteca de Évora, é uma colecção das inscrições romanas descobertas em Portugal, semelhante à de Grutero, e serve unicamente para juntá-las todas. No índice estão os nomes das terras onde foram encontradas.

(3) Tom. 2, pág. 184 e seguintes.

Interpreto assim este letreiro: Civelio pôs de boa vontade este dom por voto, que fez à santa Proserpina.

Por estar junta com as de Endovelico, não se segue, que fora trazida dos campos de Terena, devendo antes supormo-la achada perto da Igreja de Santiago.

Continuemos agora com as notícias do Templo de Proserpina.

As quatro primeiras pedras supra mencionadas talvez estivessem fixas na Ermida ao tempo em que Rezende ali as viu e copiou; pois, se estivessem avulsas, há muito que o Duque de Bragança D. Teodósio I as teria mandado conduzir para o Mosteiro de Santo Agostinho, onde havia já sete aras do templo de Endovelico, trazidos do pé de Terena por ordem do mesmo Duque, para formar com elas e outras mais que se fossem recolhendo um muser de antiguidades no dito mosteiro. E por isso que Rezende menciona primeiro em separado as pedras existentes na Ermida de Santiago, e passa depois a descrever mais sete relativas a Endovélico, as quais se achavam já encaixadas no frontespício do Mosteiro de Santo Agostinho, ou, como diz mais explicitamente o nosso Cadornega: pelas paredes interiores do alpendre da Igreja, que foi demolida por El-Rei D. João IV em 1635 para se construir a actual.⁽¹⁾

Depois das investigações arqueológicas de André de Rezende, cresceu ali o número das lápides encaixadas para sua melhor conservação; e lá foram também juntar-se com as de Endovélico as quatro de Proserpina e a de Plutarco, que o mencionado Rezende vira em Santiago. Quanto à segunda e à quarta, é isto coisa certa e indubitável porque o cronista do Convento - Frei António da Purificação⁽²⁾, lá as transcreveu entre as muitas, que ali se viam, e a razão destas pequenas diferenças está em que André de Rezende escreveu as suas Antiguidades em 1550-60, ao passo que Fr. António da Purificação deu à luz a sua Crónica em 1642, isto é, uns oitenta anos depois.

Há uma divergência na interpretação da quarta lápide: Rezende leu nela "matri", e Fr. António da Purificação "mater"; e esta última lição é mais conforme com a hermenêutica gramatical. Ainda há outra na interpretação da segunda, onde Rezende leu: "Q. Helvius", e o frade cronista "Selius"; divergências que só à vista dos originais se podiam aplanar; mas não o podem já visto que, durante a reedificação da actual Igreja de Santo Agostinho, os pedreiros não usaram de atenções para com as lápides inscriçionárias do alpendre antigo e foram-nas metendo pelos muros novos, concedendo o privilé -

(1) Descrição de V. Viçosa acabada em 1683, e manuscrita.

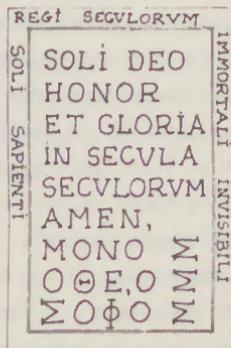
(2) Crónica da mui antiga Ord. dos Erem. Calçados de S. Agost., Tomo 2, fls. 184 e seguintes.

gio de continuarem a ser legíveis, unicamente a cinco, todas relativas a Endovélico.⁽¹⁾ As de Proserpina acham-se agora emparedadas, como dito é.

Se não fora, pois, Rezende que primeiramente arquivou a cópia das lápides relativas à deusa do inferno, ser-nos-ia hoje impossível demonstrar que ela recebera culto público na baixa do Outeiro do Ficalhò. Depois disso houve muitos escritores que, achando as sobreditas inscrições nas Antiguidades da Lusitânia, fizeram gosto em registá-las em suas obras; de sorte que é já impossível perder-se a memória do feliz invento de Rezende. Arquivou-as Brito na Monarquia Lusitana⁽²⁾, Faria e Sousa na Europa Portuguesa⁽³⁾, Grutero no Corpus Inscriptionum⁽⁴⁾, o Padre Flores na España Sagrada⁽⁵⁾, a Academia dos Humildes e Ignorantes⁽⁶⁾, e outros de que não tomei nota.

III

Na Ermida de Santiago vê-se hoje unicamente uma lápide com inscrições, da qual não faz menção o Dominicano André de Rezende, talvez por ser mais nova que a excursão dele pela província em cata de antiguidades romanas. Está no pequeno adro da Ermida, junto à porta principal, metida numa parede que olha para o norte. Diz assim:



(1) Assim o refere a Acad. dos Humildes e Ignorantes - Vol. 2

(2) Tom. 1, pág. 256

(3) Tom. 1, pág. 122

(4) Tom. 1, pág. 97

(5) Tom. 14, pág. 114

(6) Tom. 2

Em português: Só a Deus é devida a honra e a glória pelos séculos dos séculos. Amen. Só este Deus verdadeiro é sábio (mónos ó theos sophos, em grego). E em redor deste letreiro, que ocupa o centro da lápide, está na moldura outro que diz assim: Só ao Sábio, ao Rei imortal e invisível dos séculos.

Estas palavras em latim são extraídas da primeira Epístola de S. Paulo a Timóteo⁽¹⁾, e portanto lavradas por mãos cristãs. Ora, os conceitos que elas exprimem deixam ver claramente que naquele mesmo sítio se prestou honra e glória a qualquer divindade mortal, visível e não sábia, reprovando tal culto, o que confirma a asserção de Rezende e Frei Bernardo de Brito com respeito a ter ali existido o templo de Proserpina Reparadora.

Esta inscrição é evidentemente obra do século XVI, e não faz já novidade no mundo literário porque José Cornide copiou-a em 1798; e fornecendo esta e outras mais cópias semelhantes a António da Visitação Freire em 1801, este arquivou-as nas suas Observações sobre o deus Endovelico, etc., que ofereceu, como sócio correspondente, à Academia Real das Ciências de Lisboa⁽²⁾.

A respeito da última inscrição, formou Cornide o seguinte juízo: Aqui me parece, andubo lá mano de Rezende⁽³⁾; e eu nisto não ponho cinco réis de dúvida.

Talvez que aquela pedra seja uma das próprias romanas ali encontradas pelo religioso de S. Domingos.

IV

Vamos agora distrair-nos um pouco desta maçada, reproduzindo a narração de um sacrificio feito à deusa Proserpina, e que transcrevo da Academia dos Humildes e Ignorantes, publicação periódica de Lisboa, durante os anos de 1758-64⁽⁴⁾.

Previno os meus leitores dizendo-lhes que os Celtas ou Celtiberos⁽⁵⁾ foram os primitivos habitantes deste nosso Alto Alentejo, o que lhes mostrarei mais adiante. Pois bem. Um celta do Alentejo, por nome Sirido, ho

(1) I, 14

(2) Mem. da Acad. R. das Ciên., Série 2ª, Tomo 1, pág. 93

(3) *Ibid.*

(4) Vol. 2, Conf. 28, pág. 218

(5) Celtiberos queria dizer Celtas da Ibéria, para assim se distinguirem dos Celtas Galos ou da França.

mem valente e rico, namorava uma donzela, a quem pouco depois veio a desprezar. Injuriada assim a moça com esta infidelidade, prometeu à deusa Proserpina sacrificar-lhe o melhor que possuía, se de algum modo se visse desagravada de tal injúria.

Sucedeu por acaso que um inimigo de Sirido o matasse quando em certo dia ele vinha recolhendo para casa, depois de inspeccionar os trabalhos de suas fazendas rústicas; e para que se não conhecesse que fora criatura humana o autor do assassinio, dilacerou-lhe o homicida o corpo com os dentes ou com algum instrumento para se julgar que a morte do mancebo fora obra de ursos ou lobos, em que muito abundava naqueles tempos a nossa província.

Correndo a noticia da morte de Sirido conforme a ficção do matador, julgou-se que os deuses Ursos o tinham castigado; mas a donzela, em vista do voto feito a Proserpina, teve-se como desafrontada por intervenção da deusa, e foi oferecer-lhe o melhor que tinha e que era uma taça de prata.

Chegando ela pois um dia ao templo em romaria, acompanhada por seus parentes e amigos, para cumprir o seu voto, o sacerdote de Proserpina, cativado pela formosura da devota moça, observou-lhe que precisava de consultar a deusa naquela noite para saber se ficava satisfeita com a oferta da taça de prata, porquanto ela votante prometera o melhor que possuía, e parecia-lhe a ele que não era aquilo o melhor.

Voltou a donzela no outro dia com seus pais, irmãos, parentes e amigos, a ouvir a resposta da deusa; e o sacerdote, de nação romano, sagaz e perverso, disse que as palavras do voto eram claras e, segundo elas, o melhor que possuía era seus pais e três irmãos, o seu corpo e todos os seus bens; que tudo isto havia de oferecer, devendo só ela ficar viva, e seremos mais degolados para servirem a Proserpina - aqueles nos Campos Elísios, e ela, como sacerdotisa, no templo...

Todos se conformaram com a decisão do sacerdote, entregando gostosamente as suas cabeças ao cutelo que lhas decepou!

Ficou assim o templo com uma sacerdotisa e com os bens de seus pais para a dotação do culto e de seus ministros.

Acontecendo, porém, depois ir o sacerdote de Proserpina ver os prédios rústicos da deusa, safram-lhe ao encontro e investiram-no três ursos que o fizeram em pedaços...

Ora, convem aqui declarar, que o culto mais antigo da província era o dos ursos, leões e lobos, a que chamavam deuses silvestres ou dos bosques; porque, como estas feras faziam grandes matanças nos viajadores, os supers-

ticiosos daquele tempo reputavam-nos como deuses vingadores das culpas dos homens, e prestavam-lhes culto, a fim de os ter propícios. E como este culto estava em decadência, por terem os Cartagineses, Gregos e Romanos introduzido os novos de Endovélico e Proserpina, diziam os sacerdotes dos deuses silvestres que eles estavam irritados contra os homens pelo abandono da sua veneração e que, por isso mesmo, tão frequentemente safam a fazer carnagem nos que transitavam pelos bosques.

Sucedendo pois, como tenho referido, a morte do sacerdote de Proserpina, efectuada por três ursos, a nova sacerdotisa julgou-se livre de um ministério a que tinha sido violentada, e teve a morte do sacerdote por um novo favor de Proserpina, por cujo motivo pedia a restituição dos seus bens alegando que só era devedora à deusa da sua melhor alfaia. Pelo contrário os antigos sacerdotes dos deuses silvestres contestavam-lhe que ela era devedora dos benefícios da morte de Sirido e do sacerdote, não a Proserpina, mas sim aos deuses Ursos!

No meio desta contenda apareceu um mancebo Celta que, desejando casar com a moça, por ser muito rica, e livrá-la das pretensões dos sacerdotes dos deuses silvestres, afirmou falsamente que ele, e não um urso, matara o Sirido, por cuja vingança ela se valera de Proserpina.

Para resolverem este pleito, juntaram-se os Anciãos e proferiram a seguinte sentença: que a fazenda fosse da deusa Proserpina, e que a moça com o mancebo, que jurava ter feito o crime para casar com ela, fossem degolados em sacrificio.

Os sacerdotes dos deuses silvestres protestaram contra a sentença dos Anciãos, ameaçando-os de que os seus deuses os despedecariam em vingança da sua suposta injustiça; mas eles responderam: que a melhor vida era a do outro mundo, onde Proserpina tinha domínio e lhes daria em prémio os Campos Elísios; e assim pouco temiam que os seus deuses silvestres os matassem!

Parece que, apesar do eficaz empenho destes sacerdotes em sustentar o culto dos deuses ursos e lobos, caíu este depressa em total abandono por causa da crescente devoção dos nossos maiores a Endovélico e Proserpina; e os ditos sacerdotes viram-se obrigados a seguir a vida laboriosa de pastores.

Perguntar-me-ão agora os leitores onde foi a Academia dos Humildes e Ignorantes desencantar esta história?... Não sei, e era bom que se averiguasse a origem dela. Limita-se ali a pôr dúvidas sobre o local do templo

em questão por meio destas palavras: onde quer que ele fosse; e não cita o livro donde extractou a sua narração. Sendo esta verdadeira e bem constatada, dar-nos-ia uma espendidissima prova da remota antiguidade, que julgo ter a colonização do nosso território, mas julgo provável que esta narrativa fosse tirada de um livro manuscrito que possufa Luis do Couto Filipe, como diz a Academia citada no seu Tomo 2º, conf. 24, pág. 185.

INDICE
DAS
MATERIAS CONTIDAS NESTE PRIMEIRO VOLUME

Prefácio	I
Dedicatória ao Povo de Vila Viçosa	1
Indrodução	6
- Primeira Parte - MEMORIAS GERAIS E CRONOLOGICAS	
Sua divisão em seis perfodos	22
Primeiro Período - HISTORIA ANTIGA	
CAPITULO I - Diferentes povoações com o nome de Vila Viçosa. - Individualização daquela, que faz objecto desta história, e sua situação geográfica. - Seu brasão de armas. - Sua grandeza moral, religiosa, política, civil e literária	25
CAPITULO II - Belezas naturais do solo de Vila Viçosa. - Canção poética de um estrangeiro. - Amabilidade e viço deslumbrante de suas campinas e serras. - Topografia. - Fontes, levadas, arvo <u>r</u> edos e flores indígenas	32
CAPITULO III - Harmonia de sentimentos em filhos e estrangeiros, quanto à esquecida grandeza desta vila. - Endeixas maviotas de um poeta Calipolense. - Vila Viçosa (poesia)	44
CAPITULO IV - Fundação ou principio da primitiva povoação de Vila Viçosa. - Exame das diversas opiniões	53
CAPITULO V - O templo de Proserpina. - Motivo porque foi edificado. - Demonstração da sua existência no lugar	66

O PRÓXIMO VOLUME SAIRÁ EM ABRIL

IMPRESSO POR GRÁFICA CALIPOLENSE
VILA VIÇOSA
TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

MARÇO 1983

MEMÓRIAS

de

VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congêneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

